

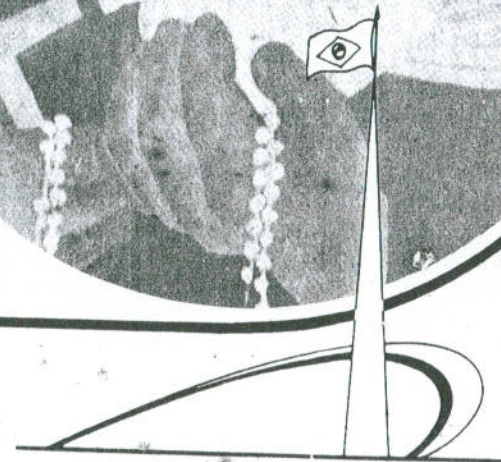


Boletim
INFORMATIVO TÉCNICO
da Veterinária Militar



Ano II
nº 6

3º Trimestre
1978



MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
DEPARTAMENTO-GERAL DE SERVIÇOS
DIRETORIA DE VETERINÁRIA

BOLETIM INFORMATIVO TÉCNICO
DA
VETERINÁRIA MILITAR

DIRETOR RESPONSÁVEL

Gen Bda ADALBERTO PINTO AZEVEDO
Diretor de Veterinária

REDAÇÃO

Cel Vet QEMA - CLÉO CARNEIRO BAETA NEVES
Cel Vet - WALTER DE MIRANDA
Ten Cel Vet - HUDSON SILVA
Maj Vet - AMAURY LOPES FAVILLA

AUXILIARES

1º Sgt Enf Vet AGOSTINHO TEOTÔNIO DE ALMEIDA
2º Sgt Mst Fer SEHITE SATO
3º Sgt Inf JOSÉ CARLOS DE ASSIS
Func Civil ALDERINA FERREIRA DE ABREU ANDRADE
Func Civil TEREZINHA MENDES DE BRITO

CIRCULAÇÃO INTERNA

TIRAGEM : 1000 Exemplares

A DV não é necessariamente responsável pelas opiniões técnico-profissionais emitidas pelos signatários dos artigos publicados neste Boletim.

* * *

NOSSA CAPA : SÃO FRANCISCO DE ASSIS, PADROEIRO DA
MEDICINA VETERINÁRIA. 04 DE OUTUBRO
TELA DE WILTON DE SOUZA

editorial

O AMADURECIMENTO DE UMA CLASSE

A Classe Veterinária reuniu-se, em vários pontos do País, para comemorar a Semana do Médico Veterinário, dando uma real demonstração de seu amadurecimento. Durante toda uma semana foram programadas reuniões, conferências, palestras apresentando painéis sobre os problemas atuais das áreas de suas múltiplas atividades.

Em Brasília, com grande número de participantes, vários assuntos foram apresentados, sob a forma de painéis, despertando grande interesse pela troca de idéias e informações, capazes de propiciar um assessoramento eficiente às autoridades na solução dos problemas que afligem a pecuária nacional. É interessante destacar a idéia atual de serem desenvolvidos nossos próprios modelos, analisados sob o aspecto técnico-econômico, usando nossa criatividade e explorando ao máximo nosso potencial humano, abolindo a importação daquele que nem sempre corresponde à nossa realidade.

A Classe Veterinária, de há muito vem trabalhando, por uma melhor pecuária, porém, sem a difusão evidenciada atualmente.

Os órgãos públicos e em particular o Ministério da Agricultura vêm promovendo Cursos e Viagens de Estudo para Veterinários no intuito de melhorar o nível técnico daqueles que grande parcela de responsabilidade têm no desenvolvimento de uma exploração racional de nossos rebanhos. E, particularmente os elementos da classe têm participado de Congressos, Simposios e várias outras atividades que trazem, de alguma maneira, subsídios para uma melhor conscientização nacional da necessidade desses profissionais.

A Saúde Pública, cada vez mais, tem exigido a presença do Veterinário no sentido de evitar determinadas zoonoses ou de interromper sua propagação, evitando enormes prejuízos à economia do País, não só pelas perdas animais, como também pelos danos causados à saúde do homem.

Diversas entidades mórbitas desse tipo estão presentes em nosso território, afetando algumas, pelas suas características, as áreas rurais e outras as populações urbanas. Doenças tais que, anteriormente se apresentavam com taxas de pouca expressão sanitária, vêm registrando maior incidência entre nós.

A imprensa, embora timidamente e talvez não medindo a grande ameaça à saúde de nossos patrícios, agravada, ainda, pelas más condições higiênicas das parcelas populacionais de menor poder aquisitivo tem, vez por outra, abordado o problema.

É atualíssimo o caso da LEPTOSPIROSE, uma zoonose ainda pouco conhecida fora da esfera técnico-profissional, veiculada pelos dejetos dos roedores

(ratazanas, ratos e camundongos), vem aumentando seu índice em nossos centros de maior concentração demográfica. Já registra, no Rio de Janeiro, incidência e mortalidade mais elevadas que a Tuberculose Pulmonar e a Febre Tifoide somadas.

Não abordaremos, neste Editorial, as diversas facetas das atividades exercidas pelo Médico Veterinário, por demais conhecidas embora às vezes, esquecidas.

Cabe-nos sim, aproveitando da oportunidade, unirmo-nos aos colegas de todas as áreas de atuação, nos diversos rincões do Brasil, parabenizando à Classe que, em moldes de ciência, atinge 66 anos de existência, com apenas algumas gerações de profissionais brasileiros.

9 de setembro = Dia do Médico Veterinário



números & estatística

PRINCIPAIS PAISES EM Nº DE VETERINÁRIOS/POPULAÇÃO

PAÍS	NÚMERO	POPULAÇÃO
1º - U.R.S.S	80.000	256.000.000
2º - E.U.A.	30.371	215.000.000
3º - JAPÃO	23.233	112.000.000
4º - ÍNDIA	10.000	628.000.000
5º - R.F.A.	8.972	61.000.000
6º - BRASIL	8.927	113.000.000
7º - ESPANHA	6.500	35.000.000
8º - POLÔNIA	7.359	34.000.000
9º - ITÁLIA	7.000	56.000.000
10º - GRÃ BREITANHA	6.216	56.000.000

FONTE: "Anuário de Saúde Animal"

1977 - "FAO - WHO-OIE"

registros

1. AULA INAUGURAL DO CTIA-78

No dia 1º de agosto de 1978, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), foi ministrada a aula inaugural do Curso de Tecnologia e Inspeção de Alimentos (CTIA), que funciona, pela vez segunda, no Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA), do Instituto de Tecnologia (IT) da aquela Universidade.



O Professor Dr MIGUEL CIONE PARDI, realizou, naquela oportunidade, conferência sobre "Inspeção de Alimentos e Tecnologia: - "Histórico, Precursores e Inspetores, no Brasil".

Da esquerda para a direita: Dr WALDIR FAVARIM, Dr GLÊNIO, Dr PASCHOAL, Dr ANTÔNIO FIGUEIREDO, Dr VICENTE GRAÇA, Gen ADALBERTO, Dr PARDI, Cel COUTADA e Dr NASCIMENTO.

Aquela aula inaugural compareceram alunos, professores e convidados, destacando-se entre outras, as presenças: Dr VICENTE GRAÇA, Vice-Reitor; Prof Dr ALFREDO CEZAR DO NASCIMENTO FILHO, Decano de Pesquisa e Pós-Graduação; Prof Dr GLÊNIO CAVALCANTI DE BARROS, Diretor do

IT; Prof Dr ANTÔNIO DE ALBUQUERQUE FIGUEIREDO, Dir do DTA; e o Gen Bda ADALBERTO PINTO AZEVEDO, Diretor de Veterinária; o Cel Vet QEMA JOAQUIM RODRIGUES COUTADA JÚNIOR, Dir do DMV e Maj Vet AMAURY LOPES FAVILLA, da DV.

Presentes o Maj Vet THEO DORO MARCOS LACAILLE CALDAS, Coordenador do CTIA, os cinco Oficiais Vet Alunos: Cap Vet ÊNIO TAVARES DE ALMEIDA, do DRS/8-Belém, PA; Cap OLÍVIO STOCKER MACHADO, do DRS/3, Porto Alegre, RS; Cap ANTÔNIO FIORENZA, do 1º/4º Esqd Vet, Campo Grande, MT; 1º Ten DIRCEU RODRIGUES MOREIRA, da 14a. Cia PE, Campo Grande, MT; 1º Ten HAROLD ANGELO QUEIROZ BARRA, do 10º RC, Bela Vista, MT e, ainda, o 1º Sgt Enf Vet SIELMO ALMEIDA LEÃO, Auxiliar do CTIA.



Da esquerda para a direita: Sgt SIELMO, Cap ÊNIO, Cap STOCKER, CAP FIORENZA, 1º Ten BARRA, 1º Ten DIRCEU e Maj LACAILLE.

O Boletim aproveita esta ocasião para reiterar os agradecimentos à alta direção da UFRRJ, como também a todo seu corpo docente e para desejar felicidades aos alunos do CTIA/78.

* * *

2. VISITAS À DV

a. SECRETÁRIO DE DEFESA SANITÁRIA ANIMAL DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.

Em agosto findo, esteve entre nós, o colega Dr UBIRATAN MENDES SER RÃO, titular da Secretaria de Defesa Sanitária Animal (antiga DDSA) em retribuição à visita do Exmº Sr General Diretor de Veterinária ao seu Gabinete, fazendo-se acompanhar do Cel Chefe de Gabinete e Cap Ajudante-de-Ordens. Nessa ocasião, o Dr UBIRATAN fez questão de conhecer as atividades desenvolvidas pela Diretoria e Serviço de Veterinária do Exército, após a cerimônia de praxe da apresentação da oficialidade da DV e palavras de boas-vindas do General Diretor.

Enfatizou ele a importância do inter-relacionamento técnico-profissional mantido e estimulado entre os dois órgãos maiores da política veterinária executiva no País, na área civil e militar. Ressaltou, ainda, os reflexos positivos da atuação conjunta, inicialmente com relação ao controle da Anemia Infecciosa Equina e, ultimamente, com vistas à erradicação da Peste Suína Africana de nosso território. Agradeceu o apoio incondicional que o Ministério da Agricultura tem recebido do SV, além do excelente trabalho que vem desenvolvendo tanto na área da defesa sanitária, como da inspeção de produtos de origem animal, dos colegas passados à disposição, através do Convênio firmado MA/MEX.

b. PRESIDENTE DO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA



Dr. RENÉ DUBOIS, Presidente do Conselho, eleito para o biênio 78/80, também visitou a DV, sendo saudado pelo General Diretor e feita a apresentação dos Oficiais da Diretoria. Suas palavras traduziram propósitos superiores, de entusiasmo e luta pelos verdadeiros interesses da classe, haja vista a sua participação em debates levados a efeito na Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados e atividades semelhantes em vários pontos do País.

Teve oportunidade de evidenciar a necessidade de manutenção do SV nas Forças Armadas pelo que ele representa em termos de segurança, como no caso presente,

Brasília, 17 Jun 78- Dr. "RENÉ" e Sra.

ao nos defrontarmos com essa grave zoonose exótica, que atingiu em maio findo nosso território.

c. Presidente da CCCC

Mais uma vez esteve entre nós o Dr. JOSÉ PEDRO GONZALES, este amigo já considerado "uma pessoa de casa", fazendo-se então acompanhar de jornalistas da Boa-Terra. Na oportunidade, ilustrou sua presença com a exibição de dois excelentes "super-8" que agradaram plenamente a quantos os assistiram: "O Cavalo Nacional" e "Ambulância-Laboratório Veterinário Móvel".

As projeções, a cores, apresentaram alto grau técnico, devendo-se enfatizar a segunda, em que foram mostrados diversos trabalhos da jovem equipe de campo, valendo citar: 1º) Cesariana em vaca holandesa.. (em pé); 2º) Testes de aglutinação para brucelose - em placa (Método de Huddleson) e - "Ring test"; - 3º) Ablação cirúrgica de globo ocular.

A referida instalação móvel é resultado de projeto alemão e desenvolvido para as condições brasileiras. Pelas suas características, levará ao homem rural a técnica laboratorial e clínico-cirúrgica veterinária de que tanto carece nossa pecuária.

* * *

3. ELEITA NOVA DIRETORIA DO CRMV-10

Nosso Boletim, acusando o recebimento do Of. Presi/Esq/Cir. 001/78, de 12 Set 78, do CRMV-10, transcreve a seguir a constituição da nova Diretoria, eleita em 09 Set 78. Drs ALDO LINS DO RÊGO BARROS (Presidente); ELIEL JUDSON DUARTE PINHEIRO (Vice-Presidente); EDVALDO XAVIER DE ALMEIDA (Secretário-Geral); ALPHEU GOMES DA SILVA (Tesoureiro); JOSÉ GUIMARÃES DA MOTTA (1º Conselheiro); GERALDO CEZAR DE VINHAES TORRES (2º Conselheiro); EVANDRO DO VALLE CABRAL MASCARENHAS (3º Conselheiro); EDSON DIOGO MONIZ PINTO (4º Conselheiro); OSCAR VITORINO MOREIRA MENDES (5º Conselheiro); FRANCISCO TELLES DE SÁ (6º Conselheiro); ANTÔNIO AMÂNCIO JORGE DA SILVA (1º Suplente); JOAQUIM DE ALMEIDA OLIVEIRA (2º Suplente); MARY BARRETO BRUST (3º Suplente); AFRÂNIO RUY COSTA (4º Suplente); CARLOS ANTÔNIO MASCARENHAS SIMÕES (5º Suplente); JOSÉ RIBAMAR SIQUEIRA (6º Suplente).

O "BIT Vet Mil" aproveita o registro para felicitar os colegas da Regional de Salvador-BA, certo do êxito que será obtido no programa de trabalho apresentado. Da mesma forma, registra o recebimento da publicação "PARTICIPAÇÃO", da EMATERBA, nº 02, Ano I, parabenizando os integrantes daquele Órgão Informativo e, em especial, o Diretor da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia, Dr. ALDO LINS DO RÊGO BARROS, nosso colega e ex-companheiro de farda.



4. ELEIÇÃO PARA O SMVDF

Foi sufragada nas urnas, em pleito dos mais concorridos, a 08 Set último, a "CHAPA REALIZAÇÃO" para dirigir os destinos da Sociedade de Medicina Veterinária do Distrito Federal no próximo biênio, sendo assim constituída:

Presidente: NÉLIO MACEDO ROCHA

Vice- Presidente: JOSÉ PAULO PATI

Secretário-Geral: WALMORE MÜLLER LACORT

Conselho Consultivo:

EDSON BITTENCOURT; ÊUNIO NEY TEIXEIRA; GUILHERME DE CARVALHO CELEBRINI; INOCÊNCIO WARMILING e RUY PEREIRA VALLE.

Conselho Fiscal:

HUMBERTO MANCEBO DE ARAÚJO; PLÍNIO VIEIRA PINHEIRO; JOSÉ VIANA; MAXI - MIRO NOGUEIRA DE MEDEIROS e MARIA ANGÉLICA RIBEIRO DE OLIVEIRA.

Aos colegas daquela Diretoria, augura este Boletim os melhores votos de feliz gestão e sucesso na realização de suas metas.



4ª DIVISÃO DE CAVALARIA

Troféu Guaicurus

SETEMBRO 1978

TEMPORADA DE CAMPO GRANDE

INSTITUIÇÃO

5.

HISTÓRICO

O Troféu Guaicurus foi instituído em 23 Jun 75, a fim de desenvolver o hipismo na 4ª Divisão de Cavalaria.

1. PÓLO: 1º Lugar - 10º RC (Bela Vista); 2º Lugar - 11º RC (Ponta Porã).

O 10º RC recebeu o troféu "Colônia Militar de Dourados", por ter-se sagrado campeão de pólo, entregue pelo Exmº Sr Gen HÉLIO JOÃO GOMES FERNANDES, Omt da 9ª RM.

2. SALTO (Of, ST, Sgt, AL NPOR e CIVIS)

2.1 - PROVAS DE CAVALOS NOVOS

a) 1ª PROVA - "PATRIARCA DA INDEPENDÊNCIA"

1º Lugar - Sgt MARQUES - 10º RC

2º Lugar - ST MONTANHA - 11º RC

b) 2ª PROVA - "MARECHAL RONDON"

1º Lugar - ST MONTANHA - 11º RC

2º Lugar - Sgt LEDESMA - 17º RC

O 11º RC recebeu o troféu referente às provas de Cavalos Novos de ST/SGT.



c) 1ª PROVA - "DOM PEDRO I"

1º Lugar - Cap ZACARIAS - 11º RC

3º Lugar - Ten SILVEIRA - 4ª DC

2º Lugar - Ten EVANGELHO - 17º RC

4º Lugar - Sr. JEFFERSON - VM do 17º RC (+)

d) 2ª PROVA - ALM AUGUSTO LEVERGUER, BARÃO MELGAÇO

1º Lugar - Ten NOGUEIRA - 11º RC

3º Lugar - Cap PERCIO - 17º RC

2º Lugar - Ten CRUZ - 4ª DC

4º Lugar - Sr. JEFFERSON - VM do 17º RC (+)

A equipe da 4ª DC, campeã das provas de cavalos novos para Oficiais, estava constituída pelo TC CHAGASTELLES, Cap PERNIZA, Cap FERRARI, Ten SILVEIRA e Ten CRUZ.

2.2 - PROVAS DE CAVALOS CONFIRMADOS

2.2.1 - (Of e Civis)

(a) 1ª PROVA - MARECHAL BITENCOURT

1º Lugar - Cap ANTENOR - 11º RC

3º Lugar - Ten EVANGELHO - 17º RC

2º Lugar - Sr ARANTES - SHCG

4º Lugar - Maj PERCIO - 17º RC

(b) 2ª PROVA - "MUNIZ DE ARAGÃO"

1º Lugar - Cap ANTENOR - 11º RC

3º Lugar - Sr ARANTES - SHCG

2º Lugar - Cap PAULO CHAGAS - 11º RC

4º Lugar - Maj RIBEIRO - 4ª DC.

Os prêmios referentes à prova "MUNIZ DE ARAGÃO" foram entregues pelo Exmº Sr Gen ADALBERTO PINTO AZEVEDO, Diretor de Veterinária.

3. CAVALEIROS CAMPEÕES DE SALTOS DA 3ª TEMPORADA

3.1 - (Of/CIVIS) - 1º Ten SILVEIRA (CAMPEÃO - 4ª DC).

3.2 - (ST e SGT) - MONTANHA (CAMPEÃO) - 11º RC

4. CAVALEIROS CAMPEÕES DE SALTO DE 1978 DO TROFÉU GUAICURUS

4.1 (OFICIAIS) - Ten Cel CHAGASTELLES, da 4ª DC, Campeão

4.2 - (ST e SGT) - Sgt MARQUES, do 11º RC, Campeão

5. TROFÉU GUIACURUS - Vencedor da 3ª Temporada - 17º RC

(+) Filho do nosso companheiro - 1º Ten Vet JACYR (12 anos).

Nosso Boletim, presente ao acontecimento, aproveitou o ensejo para parabenizar os realizadores e participantes do Troféu GUAICURUS- 1978, pela excelente organização e elevado espírito competitivo que valoriza eventos desta natureza.



curiosidades

"STATUS" SOCIAL ENTRE OS SUÍNOS, FACE À BEBIDA ALCOÓLICA

(Extraído do "El Libro Azul", nº 14/77-Lab. HOECHST)

Ao beber, o suíno se comporta de maneira semelhante ao homem. Pelo abuso do álcool mostra reações idênticas e uma tendência a desprezar outros alimentos. Faz pouco tempo, uma equipe de pesquisadores da Universidade de Colúmbia (Missouri-EUA) descobriu outra curiosa analogia: "O hábito da bebida entre os suínos se relaciona com sua categoria social, como acontece para a espécie humana."

Como parte de uma investigação iniciada sobre o alcoolismo, os pesquisadores estudaram as tendências à bebida de um grupo de sete suínos. A hierarquia dos animais foi determinada primeiramente pela ordem verificada ao se alimentarem. O porco dominante (líder) come sempre em primeiro lugar, seguindo-se os demais em ordem descendente, o que resulta em certos prejuízos para o animal em posição inferior.

A seguir, foi oferecida discretamente, mistura de álcool e suco de laranja, bebida muito apreciada pelos suínos.



O efeito sobre a hierarquia foi espetacular! O líder do grupo-tebebeu tanto que perdeu sua posição dentro de vinte e quatro horas. O porco nº 3 bebeu muito pouco e se fez líder. Sem dúvida, o líder antigo recuperou seu posto depois de 72 horas e NUNCA mais voltou a embriagar-se. Após aquela experiência se estabeleceu entre os animais um padrão de bebida determinado - ao que parece - com base na categoria social de cada um. O bebedor mais viciado foi o porco nº 6 que, -frustrado, pelo visto, por sua baixa posição - abandonou-se ao vício. O animal mais inferior, o nº 7, não sentiu a necessidade de afogar seus males no álcool. Parecia saber ocupar o posto mais baixo e havia aceitado este fato ...



contribuição técnico-científica

REPRODUÇÃO ANIMAL A PRAZO DETERMINADO

TEN CEL VET RAPHAEL MAGALHÃES DIAS

Prof. Fisiopatologia da Reprodução-Deptº Eng. Agr.-UnB-DF.

A função reprodutiva é regida, principalmente, pelo sistema nervoso.

Em condições normais, o SN sofre influência de diversos agentes externos, cuja importância é variável de acordo com a espécie animal. As vias aferentes, que terminam nas células secretoras do hipotálamo, transmitem a estes elementos as necessidades do organismo. Estas células elaboram fatores específicos, os quais, caindo na circulação porta-hipotálamo-hipofisária, vão governar as secreções da adenohipófise. Esta correlação neuro-humoral entre o hipotálamo e a hipófise constitui o anel de ligação entre o sistema nervoso e o sistema endócrino.

Fica claro que a regulação da atividade sexual resulta de uma combinação de fatores e não pode ser explicada por este ou aquele fator isoladamente. Demais, dentro do contingente hereditário das espécies e das raças, resulta da maior importância as condições próprias do indivíduo, que apresenta maior ou menor capacidade de se adaptar às condições do meio.

A complexidade dos problemas de natureza técnica, e os volumosos recursos expendidos na maximização do controle sobre os fatores ambientais, fizeram, desde cedo, com que os pesquisadores, no afã de aproveitar toda a capacidade potencial de exploração dos rebanhos, derivassem seu interesse experimental

para o último elo da cadeia reprodutiva, situado no eixo entre a hipófise e as gônadas. A mimetização do ciclo estral fisiológico, num instante desejado, passou a ser laboriosamente experimentada. Somente no VI e VII Congresso de Reprodução Animal e Inseminação Artificial, efetivados em Paris (1968) e Munique (1972), foi apresentada perto de uma centena de trabalhos relativos ao assunto.



Fig. 210 - Inseminação da ovelha (II). O operador dá ao gatilho enquanto observa a deposição do sêmen. (Original)

As tentativas iniciais implicaram o uso de estrógeno, testosterona e, também, de gonadotrofinas. Compostos não esteróides, como o Metalibur, foram empregados na supressão dos fatores de liberação do FSH e do LH. A progesterona, como preparatória à injeção de gonadotrofina sérica (PMS), deu a chave inicial da solução do problema. Ficou claro que o mecanismo de antecipação da temporada reprodutiva ou de sincronização ovulatória reside na provocação da luteólise no corpo amarelo cíclico. Com base neste conhecimento, os pesquisadores voltaram-se posteriormente para o emprego de substâncias que, possuindo uma atividade luteolítica marcante, pudessem abreviar o fenômeno de regressão do corpo amarelo. Entre estas substâncias encontram-se o estrógeno, as prostaglandinas, a ocitocina, os corticóides e os anticorpos anti-LH.

Diversos produtos passaram a ser preconizados como eficientes através da pesquisa dirigida, efetuada principalmente pela indústria.

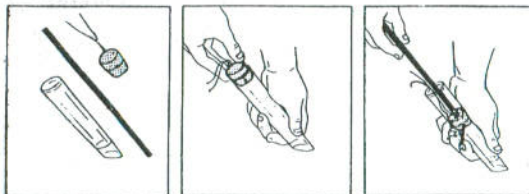


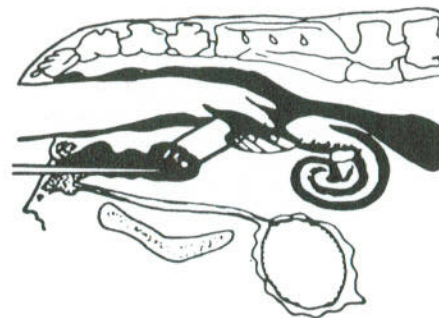
Fig. 90 - Uso do aplicador da bucha vaginal.

Uma limitação remanescente em relação a esses produtos refere-se à obtenção de uma forma prática de sua aplicação. Algumas vias de aplicação revelam-se inexe-

quíveis. Outras, apresentam limitações. Esponjas de plástico inabsorvível, embebidas em gestágeno tipo Cronolona, têm sido empregadas com êxito por via vaginal em ovinos (Sincropar e Syncromate, da Searle). O mesmo se pode dizer de esponjas absorvíveis (Liocol) embebidas em Metilacetoxiprogesterona ou Medroxiprogesterona (Provera, Upjohn), estas últimas aplicadas também em bovinos. A esponja é deixada ficar por um período ligeiramente menor que o do ciclo estral, sendo retirada por tração do respectivo cordel.

Entre as soluções procuradas, e em grande parte encontradas, podem-se enumerar: 1) Possibilidade de competição com raças de casalamamento adiantado, quando se trata de raças tardias; 2) Possibilidade de se fazer coincidir os nascimentos com épocas mais favoráveis para a sobrevivência dos produtos; 3) Possibilidade de um planejamento relativo a alimentação, em benefício de uma gestação a prazo conhecido; 4) Facilidade no manejo dos produtos pela concentração das tarefas; 5) Possibilidade e crescimento da percentagem de partos gêmeos; 6) Facilidade de aplicação da inseminação artificial, pela sincronização dosaios.

- a fixação incorreta do colo uterino determina dificuldades na localização de seu orifício posterior;



Referência:- MIES FILHO, A- 1975 - "Reprodução dos animais e inseminação artificial". Editora SULINA (3a. edição)-



Este fascinante capítulo da exploração animal passa a interessar de perto à reprodução de primatas em cativeiro e à produção seriada de cães para a pesquisa.

Estende-se, ainda, mais, ao transplante de embriões e à sexagem espermiática. Voltaremos ao assunto oportunamente.

++++

retransmitindo

MENSAGEM MUITO IMPORTANTE

Senhor Médico Veterinário

Tendo sido constatada a presença do vírus da Peste Suína Africana em nosso meio, estou certo de que as suas atividades profissionais estão, prioritariamente, voltadas para a suinocultura.

Toda doença em suínos, que esteja ocorrendo ou tenha ocorrido dentro da área sob sua responsabilidade, requer cuidadosa investigação, devendo as autoridades sanitárias ser notificadas de qualquer suspeita.

A Portaria nº 543, desta data, visa a orientar o procedimento especial do técnico na tomada das medidas emergenciais que se fizerem necessárias.

Todos os esforços estão sendo concentrados, integrando-se poderes civis e militares, no objetivo da erradicação da Peste Suína Africana. Necessariamente, deveremos contar com os veterinários do País, como responsáveis diretos por todo esse trabalho.

Por reconhecer a capacidade e o espírito público da classe, muito confio na sua valiosa cooperação.

Brasília, 27/6/78

Alysson Paulinelli
ALYSSON PAULINELLI
Ministro da Agricultura

o que faz o SV

1. PARTICIPAÇÃO DO VETERINÁRIO MILITAR (DESIGNAÇÕES DA DV)

1. " I CONGRESSO INTERNACIONAL DE VETERINÁRIA DE LÍNGUA PORTUGUESA ", realiza do no período de 23 a 28 de julho, no Parque Anhembi, São Paulo , SP.

Participantes : Ten Cel Vet HUDSON SILVA, da DV.

2. " SIMPÓSIO NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO E NUTRIÇÃO - PRONUTRAL", realizado no período de 13 a 16 de agosto, na Câmara dos Deputados- Comissão de Saúde, Brasília, DF.

Participantes: da DV

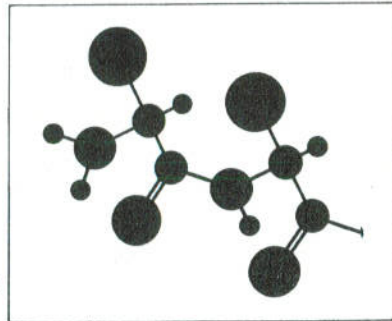
Cel Vet QEMA CLEO CARNEIRO BAETA NEVES

Maj Vet AMAURY LOPES FAVILLA

Maj Vet JOSÉ CARLOS BON

Do DRS/11

Cap Vet PEDRO PAULO CARVALHO C. DE AVELLAR



3. XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE NUTRIÇÃO: realizado no período de 27 de agosto a 01 de setembro, no Rio de Janeiro, RJ.

Participante: Cap Vet EDISON NORÕES MENEZES, do DRS/11.

4. " III ENCONTRO NACIONAL DE ANALISTAS DE RESÍDUOS DE PESTICIDAS ", realizado nos dias 30 e 31 de agosto e 01 de setembro, na Seção de Aditivos e Pesticidas Residuais, da Diretoria de Bromatologia e Química, do INSTITUTO ADOLFO LUTZ, São Paulo, SP.

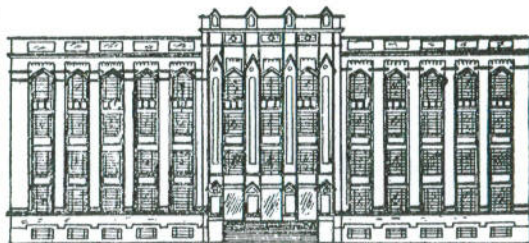
Participante: Cap Vet PEDRO PAULO CARVALHO COELHO DE AVELLAR, do DRS/11; Brasília, DF.

5. SEMANA DO MÉDICO VETERINÁRIO, patrocinada pela SOCIEDADE PAULISTA DE MEDICINA VETERINÁRIA - São Paulo - SP.

Participantes: Ten Cel Vet ISNARD GLÊNIO PEREIRA, à disposição do Min Agricultura, Campinas-SP; Maj Vet OSMAN BORGES DOS SANTOS, do QGR/2-São Paulo, SP.

6. " I SIMPÓSIO NACIONAL DE ECOLOGIA ", realizado no período de 25 a 29 de setembro de 1978, em Curitiba -PR.

Participante: Cap Vet JOÃO SITNIKI FILHO, do DRS/5, Curitiba - PR.



2. VISITAS REALIZADAS PELA DV

A 1ª E 4ª REGIÕES MILITARES

Integrando a equipe do Departamento-Geral de Serviços, o Diretor de Veterinária, assessorado pelo Ten Cel Vet HUDSON SILVA, da Seção Medicina Veterinária da Dir Vet, visitou as áreas da 1ª e 4ª RM, no período de 19 a 23 Jun percorrendo as Seções de Veterinária das seguintes Organizações Militares: SSVR/1, do QG/1ª RM; LIAB do DRS; DEPÓSITO DE MATERIAL VETERINÁRIO, ESCOLA DE QUITAÇÃO DO EXÉRCITO, ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS e LIAB do DRS/4.

a. SEÇÃO DO SERVIÇO DE VETERINÁRIA DA 1ª RM - Rio - RJ

A visita foi realizada em 19 Jun. A Seção Regional, a primeira a ser visitada, é o órgão de ligação e apoio entre a DV e Seções de Veterinária das OM da área.

Localizada no 3º andar do Palácio Duque de Caxias, a SSVR/1 ocupa pequena área do QG, mas suas instalações são completas e excelentes.

No Território da 1ª RM encontram-se 53 Of Vet distribuídos em OM do Ministério do Exército e 6, em Órgãos estranhos ao M.Ex, a saber: 3 no Ministério da Saúde, 2 no Ministério da Agricultura e 1 no Ministério da Marinha.

A SSVR/1 vem cumprindo satisfatoriamente suas atividades junto a OM hipomóveis e canis autorizados. As Unidades, que possuem efeito eqüino são: 29 RCGd (Vila Militar), CPOR (São Cristóvão), CIG (Gericinó), Es Equ Ex (Realengo), CMRJ (Maracanã) e AMAN (Resende). As OM que possuem cães-de-guerra em seus efetivos são: C I Pqdt (Vila Militar), 1ª Cia PE (Vila Militar), DCMM (Vila Militar), CGCIC (Camboatã) e Presídio do Exército (Niterói).

Na oportunidade, o Ch da SSVR/1 apresentou diversas sugestões que visavam a minimizar alguns dos diversos problemas das OM subordinadas.

b. LIAB DO DEPÓSITO REGIONAL DE SUBSISTÊNCIA/1 - Rio - RJ

A visita a este Laboratório de Inspeção de Alimentos foi realizada em 19 de Jun, no período da tarde.

As instalações do LIAB/1 são amplas e satisfatórias. Possui o material veterinário suficiente e em

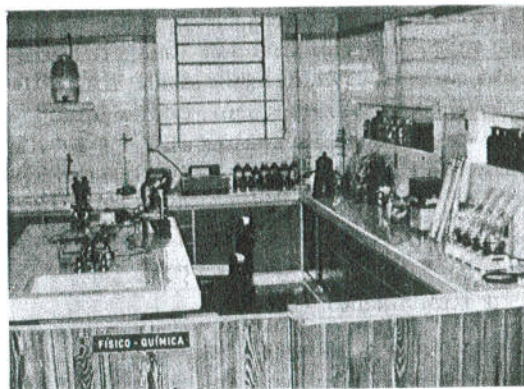
excelentes condições para o cumprimento de suas missões.

O Ten Cel Vet AGRÍCOLA Ch do LIAB/1- auxiliado pelo Cap Vet EDSON e por 1 Sgt Enf Vet, vem desenvolvendo excelente trabalho à testa do Laboratório. A equipe satisfaz, em parte, às necessidades do serviço, porém necessita



de mais um Of Vet com o Curso de Inspeção de Alimentos e Bromatologia e mais 1 Sgt Vet, também com Curso de Auxiliar de Inspeção de Alimentos.

O principal problema encontrado na área é o da presença de resíduos de inseticidas sistêmicos encontrados na alfafa fendada, dos quais merecem destaque o HCH, DDT, heptaclo-ro, dieldrin e endosulfan, todos do grupo dos organo-clorados.



c. DEPÓSITO DE MATERIAL VETERINÁRIO

Embora localizado no Território da 1ª RM, não se subordina àquela Região. De acordo com o Calendário previsto pelo DGS/DV, foi visitado no dia 20 de Jun, pela manhã.

O DMV é o Órgão de execução do apoio de suprimento de Material Veterinário, Permanente e de Consumo às OM hipomóveis, DRS e aos Canis de todo o Exército.

Suas instalações são amplas e satisfatórias.

O Cel Vet QEMA COUTADA - Diretor do DMV - possui excelente equipe de Oficiais Veterinários e Sargentos, responsável pelo agradável aspecto das instalações e perfeito funcionamento no apoio automático de suprimento de material veterinário permanente e de consumo.

Na oportunidade, o Diretor do DMV apresentou algumas sugestões com vistas a sanar alguns problemas rotineiros, visando a melhorar, destarte, o suprimento dire-

Na conservação de produtos armazenados, especialmente grãos, usa-se as técnicas de nebulização, fumigação, polvilhamento e atomização. Dentre alguns dos produtos utilizados destacam-se o malagran, malatol e o phostoxin.

A qualidade dos gêneros de subsistência na 1ª RM é decorrente da eficiência dos Of Vet e do auxiliar direto, o 1º Sgt Enf Vet D'Angelo.

to às OM subordinadas, quer hipomóveis quer às com efetivo canino a apoiar.

O DMV está de parabéns pelo que pôde mostrar, por sua excelente organização, pelo seu incessante e progressivo trabalho e dedicação total de nossos companheiros no cumprimento de suas atividades peculiares.

d. ESCOLA DE EQUITACÃO DO EXÉRCITO

No dia 20 Jun foi realizada a visita à Es Equ Ex, localizada em Realengo. Seu Comandante é o Cel Cav QEMA MONZON.

É muito boa a Seção de Veterinária desta Escola. Além de suas missões normais, a Sec Vet colabora ministrando a Cadeira de Hipologia, do Curso de Instrutores e Monitores de Equitação.

A Sec Vet possui boas instalações, estando muito bem localizada na OM. Possui também um Laboratório de Análises Clínicas, que também atende a outras OM da área quando solicitado.

À testa da Sec Vet está o nosso companheiro Cap Vet JADJALBAR FERNANDES e seu auxiliar direto Ten REGINATO e sua eficiente equipe de enfermeiros veterinários e mestres ferradores, bem apoiados pelo Comandante daquela Escola.

A OM praticamente não apresentou problemas zoonosológicos. Possui os mais baixos índices de letalidade e de mortalidade, o que merece ser destacado.

O Comandante da Escola, maior interessado em solucionar os mais diversos problemas de animais e material, em rápida exposição, apresentou ao Diretor de Veterinária, diversas solicitações visando a minorar os principais problemas daquela Escola, de modo especial no que tange às deficiências no efetivo eqüino.

e. ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

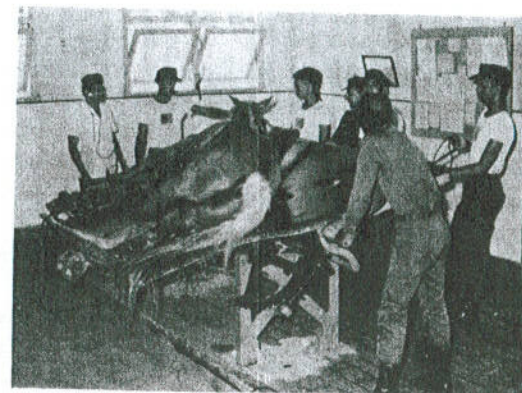
Foram visitados no dia 21 Jun 78 a Sec Vet e o Laboratório de Inspeção de Alimentos e Bromatologia e Cursos.

As instalações visitadas apresentaram-se em excelentes condições, quer no aspecto higiênico, quer na sua conservação, bem como, nos equipamentos.

Na Chefia da Sec Vet daquela Academia está o nosso companheiro Cel Vet JADER, que tem, ao lado

de sua valiosa equipe de Oficiais Veterinários e Sargentos Enfermeiros Veterinários e Ferradores, recebido o integral apoio do Comandante daquela Academia.

A cavalaria da AMAN está em muito boas condições sanitárias e em igual estado nutricional.



Foram visitados os dois laboratórios existentes - o LIAB e o Laboratório

para exames de AIE - que estão bem instalados e equipados. A pequena paralisação das atividades referentes à AIE, foi devida à falta do laboratorista credenciado, cujo problema já está solucionado.

De modo geral a cavalhada está bem. Apenas, alguns animais oriundos do Rincão, fornecidos pela Coudelaria de Campinas, apresentaram problemas de doma, manejo, etc, tornando-se perigosos para os alunos dos cursos de Cavalaria e de Equitação daquela Academia. No entanto, a DV já tomou providências com vistas a substituí-los por outros animais mais dóceis.

A OM apresentou várias sugestões, ora em estudo na DV.

f. LABORATÓRIO DE INSPEÇÃO DE ALIMENTOS E BROMATOLOGIA/4

Pertencente ao DRS/4, o LIAB/4 foi visitado em 22 Jun 78, quando a equipe da DV se deslocou até a cidade de Juiz de Fora.

O LIAB da 4a. RM atende a um número menor de OM, se comparado ao LIAB/1. Contudo, atende a uma ampla Região territorial, incluindo a 4a. DE.

O suprimento de milho e de alfafa, destinado à EsSA não é feito pelo DRS/4 e sim pelo DRS/2, diretamente.

A equipe de Veterinária do LIAB é constituída de 2 Of Vet, que atendem às necessidades do serviço.

O Ch do Laboratório é o 1º Ten Vet BANDEIRA, especializado na 1a. Turma do CTIA, que tem como Of Vet Adjunto o 1º Ten ASSUMPTÃO.

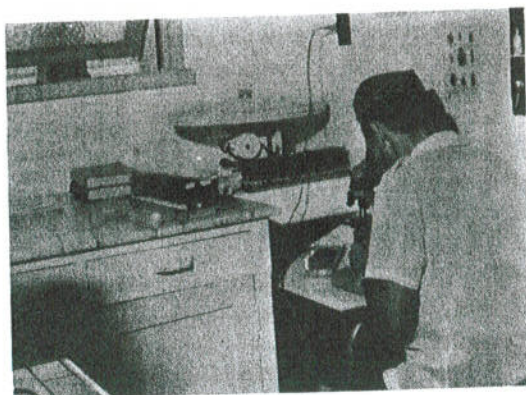
A Sec Vet possui uma funcionária civil, mas está com falta de sargentos previstos.

São boas as instalações do Laboratório. O material veterinário, de modo geral, satisfaz às necessidades do serviço. Mesmo assim, há artigos que necessitam ser substituídos, por serem velhos e antiquados.

Quanto à preservação de produtos armazenados, especialmente grãos, a técnica empregada é a da fumigação, utilizando-se o produto denominado phostoxim.

Não tem sido constatado o problema de resíduos de pesticidas nas rações e forragens na área.

O Ch do LIAB apresentou diversas sugestões, ora em estudo na DV.



VISTA PARCIAL DO LIAB DA AMAN

A 9ª REGIÃO MILITAR

A 9a. RM foi visitada pela DV no período de 7 a 15 Set 78, antecipando-se à visita que faria como integrante da Equipe do DGS.

A equipe visitante foi constituída do Diretor de Veterinária e 2 Of Vet superiores, que tiveram todo o apoio e demonstrações de gentilezas dos Srs Gen HELIO JOÃO GOMES FERNANDES, Cmt da 9a. RM e JOAQUIM ABREU FONSECA, Cmt da 4a. DC.

O programa de visitas foi elaborado pela 4a. DC em entendimentos com a DV, cujo roteiro previa a visita a três Organizações Hipomóveis daquela RM e ao LIAB/9.

De 7 a 10 Set 78, os visitantes foram convidados a assistir a disputadas provas de pólo e salto, relativas ao Troféu "GUAICURUS" (Terceira Temporada), que anualmente são realizadas pela 4a. DC, com a participação do 10º RC (Bela Vista), 11º RC (Ponta Porã), 17º RC (Amambai), QG/4a. DC e concorrentes civis (Salto).

a. 19/49 ESQD VET - 4a. DC - CAMPO GRANDE-MS

O Esqd Vet, embora estivesse no roteiro de visitas da DV/78, recebeu apenas uma visita informal do Diretor de Veterinária e sua equipe, que na ocasião se fazia acompanhar do Gen Bda ABREU FONSECA - Cmt da 4a. DC.

De modo geral os animais que servem ao Esquadrão e NPOR apresentaram-se em boas condições de sanidade e estado de nutrição.

As instalações da Sec Vet satisfazem às necessidades do pequeno efetivo solípede existente.

As capineiras, apesar da época seca, estavam em boa fase de recuperação, com excelente aspecto, face ao trato que recebem.

b. 11 Set 78 - Visita ao 10º RC - Bela Vista - MS

Esta foi a primeira OM hipomóvel da área, cuja Seção Veterinária foi visitada oficialmente pela DV, no corrente ano.

O Diretor de Veterinária foi recebido com honras militares, tendo a Unidade formado magnífica escolta à entrada da cidade. Após ser recebido pelo Cmt do RC - Cel ORLANDO MENTZINGEN - defronte ao Regimento, o Gen ADALBERTO PINTO AZEVEDO, passou em revista à tropa formada em sua honra, cujo desfile, em seguida, deixou a mais lisonjeira das impressões à equipe visitante, que, àquela altura estava incorporada dos Maj Vet PRINCHAK e BOSCO, respectivamente, do QG/9a. RM e 4a. DC, designados para acompanhar os representantes da DV.

Após o almoço no 10º RC, os Oficiais visitantes percorreram as excelentes instalações do 10º RC, a Sec Vet e, a Invernada, onde se acham isolados os animais acometidos de AIE.

A Sec Vet possui instalações satisfatórias.

Na Chefia da Seção está o Cap Vet MELLO, recentemente transferido para aquele Regimento.

As principais necessidades da Seção são pertinentes a material de cirurgia e alguns medicamentos para combater a síndrome cólica e problemas relativos a afecções do do aparelho ósteo-mio-ligamentoso.

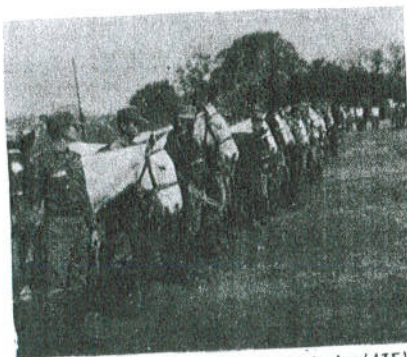
Um fato que surpreendeu aos Veterinários visitantes, foi o excelente estado de nutrição em que se encontram os 55 animais portadores de AIE.

c. 12/13 Set 78 - Visita ao 119 RC - Ponta Porã-MS

A equipe da DV chegou àquela cidade na noite de 11 Set, sendo recebida pelo Comandante do Regimento - Cel LÚCIO - no entroncamento da Estrada Ponta Porã/Bela Vista/Campo Grande, próximo do Aquidaban.



119 RC-3º Sgt Mst Fer OCTACILIO (em pé, 1ª esq.) e Cabos Enf Vet e Fer.



119 RC- Revista de animais isolados (AIE)

Na manhã do dia 12, após percorrer as instalações do 119 RC, foi realizada a visita à Sec Vet, seguindo-se revista da cavalaria, conforme previsto.

De modo geral, a Sec Vet possui boas instalações.

À testa da Seção está o Cap Vet MESSIAS, que tem como Adjunto o Cap Vet WALTER. Além de serem responsáveis pelo estado sanitário dos animais, inspeções de víveres e forragens e pelo Laboratório de AIE, estes dois companheiros possuem excelente equipe de Enf Vet e de Ferradores, que fazem daquela Seção um todo.

À tarde, a Comitiva da DV, sempre acompanhada pelo Cel LÚCIO, visitou a ex-Granja, onde se acham internados os animais portadores de AIE. Apenas 6 animais estavam em estado de nutrição "regular", sendo que os demais (cerca de 59), apresentavam-se em bom estado.

Quanto ao material veterinário a OM resente-se da falta de material de sutura e de clínica, bem como medicamentos para cólicas.

d. 14 Set 78 - Visita ao 179 RC - Anambai-MS

Originário de Pirassununga-SP, o 179 RC, hoje, acha-se na cidade de Anambai, no sul de Mato Grosso.

A OM, comandada pelo Ten Cel Cav SÁLVIO, possui modernas instalações.

No pátio, defronte ao prédio principal do Quartel, em 14 Set 78, quando da chegada da Equipe visitante da DV, o Diretor de Veterinária passou em revista à tropa, formada em sua honra, que, em seguida desfilou garbosamente em continência àquela autoridade.

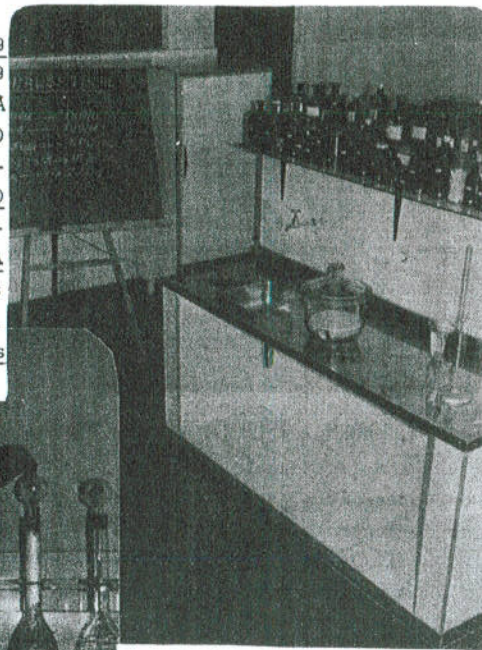
Logo após, houve apresentação dos oficiais da OM ao Dir Vet.

Em 14 Set 78, pela manhã, apesar do mau tempo reinante, com fortes chuvas, foi iniciada a visita às instalações do Regimento, passando-se imediatamente a ser inspecionada a Sec Vet, bem como realizada uma revista de animais, conforme previsto. As instalações do Regimento, modernas, amplas e bem conservadas, nada deixam a desejar em relação à OM de origem - o ex-179 RC - localizado em Pirassununga-SP. A Sec Vet possui também amplas instalações. À testa da Seção está o Cap Vet GIESEN que tem no Ten JOACYR, seu Adjunto. A equipe da Sec Vet estava constituída de um 2º Sgt Fer, um 3º Sgt Enf Vet, 2 Cb Fer, 3 Sd Atendentes e 4 Sd Fer, em sua maioria, com experiência de outros Regimentos de Cavalaria.

A revista de animais, realizada sob mau tempo, mostrou uma cavalaria em excelentes condições de limpeza, tosa, ferrageamento, nutrição e sanidade. Tais características justificam por si só a condição de campeã da 3a. Temporada 78 ostentando honrosamente o Troféu "GUAICURUS".

e. 15 Set 78-DRS/9-Visita LIAB/9

A visita às instalações do DRS/9 e LIAB foi realizada pela manhã. À testa do LIAB está o Maj Vet RÔMULO que tem como Adjunto o Cap Vet NEWTON e Auxiliar, o 2º Sgt Enf Vet LEO NILDO. As instalações do LIAB são ótimas. Possui excelente Sala para Análise Físico-Química de Alimentos e Forragens; Sala de Instrumentos, Sala para Reagentes e Sala para Classificação Merceológica.



Está equipado moderno e funcionalmente. Entretanto, foram anotadas algumas necessidades em instrumental de laboratório. Trata-se de um LIAB praticamente completo, restando apenas serem programadas pela DV, as atividades de Microbiologia e de pesquisas de resíduos de pesticidas em víveres e forragens.

///

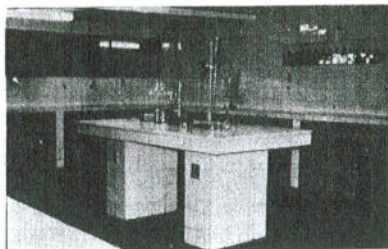
3. NOVAS INSTALAÇÕES DE LIAB

LIAB DO DRS/11 - Brasília-DF

O Laboratório de Inspeção de Alimentos e Bromatologia do Depósito Regional de Subsistência da 11a. RM, Brasília-DF, (LIAB DO DRS 11) vê, presentemente, ultimadas suas instalações, modernas e funcionais.

Remodelações iniciadas em 77, apresentam, hoje, entre outras, dependências para Físico-Química (foto ao lado), com armários embutidos e gavetas, revestidas de fórmica, mesa central e aparelhos indispensáveis às realizações de provas laboratoriais em Alimentos e Forragens.

Possui ainda, Sala para Classificação Merceológica, Sala para Aparelhos de Precisão e Sala de Calor e Lavagem de Material (foto abaixo).



O Boletim Informativo Técnico da Veterinária Militar, registra, por justiça, o empenho nas atuações da DS, do Cel IE QEMA CÉLIO (ex-Chefe do DRS/11), do então Ten Cel Vet GENÉSIO, do Maj Vet MANDARINO, do Ten Cel IE QEMA MÁRIO CEZAR (atual Chefe do DRS/11) e do Cap Vet AVELLAR.

4. NORMA TÉCNICA Nº 01/78-DV

Homologada pelo DGS esta NORMA TÉCNICA, elaborada pela Diretoria de Veterinária, vem atender às necessidades de atualização do mecanismo de controle de eqüinos do Exército e vai substituir a equivalente NT nº 11/74. Acha-se presentemente em fase de impressão.

A recente Portaria Ministerial nº 1878/78, de 28 Ago 78, que revogou os artigos 20 a 22 das Instruções para o Funcionamento do Serviço de Veterinária, dá nova redação ao artigo 19 - "A todo Oficial, Subtenente ou Sargento será permitido possuir um único animal particular alojado e arraçoado por conta do Estado, obedecidos os critérios estabelecidos em NORMAS TÉCNICAS".

A presente NT visa, inclusive, regular o alojamento, arraçoamento e desarraçoamento dos animais particulares nas OM. Ao mesmo tempo, em forma de apêndice, inclui um Calendário para elaboração e remessa documentação indispensável ao Controle de Eqüinos no Exército e, em anexo, são apresentados formulários padronizados, alguns de adoção recente, visando simplificar de muito a atividade burocrática dos colegas em função nas OM com efetivo eqüino.

5. PALESTRAS

a. Cel Vet QEMA CLÉO CARNEIRO BAETA NEVES;

Tema: " PESTE SUÍNA AFRICANA (PSA)-Repercussões nos Aspectos ECONÔMICO, PSICO-SOCIAL, POLÍTICO e de SEGURANÇA NACIONAL;

LOCAIS E DATAS: No Auditório do DGS, a 24 Ago 78; no Auditório do CMP/11ª RM, a 28 Ago 78 e, no Auditório da UnB, a 30 Ago 78.

b. Ten Cel Vet HUDSON SILVA;

Tema: Tópicos sobre "Aspectos Sanitários", no Painel-" Desenvolvimento da Eqüi - deocultura Nacional".

LOCAL E DATA: No Auditório da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), por ocasião das solenidades comemorativas da "Semana do Médico Veterinário", em Brasília, no dia 06 Set 78.



ensino, pesquisa & serviço

1. CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA UFRRJ

a) Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), oferecidos às Áreas de Agronomia, Medicina Veterinária e Química Orgânica:



CURSOS

NÍVEIS

- | | |
|---|----------------------|
| 1. CIÊNCIA DO SOLO..... | Mestrado e Doutorado |
| 2. CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS..... | Mestrado |
| 3. PARASITOLOGIA VETERINÁRIA..... | Mestrado e Doutorado |
| 4. PATOLOGIA ANIMAL..... | Mestrado |
| 5. PATOLOGIA CLÍNICA..... | Mestrado |
| 6. FITOQUÍMICA..... | Mestrado |

b) Documentos Exigidos: Diploma Universitário; Histórico Escolar; Curriculum Vitae; Três fotografias 3X4; Duas cartas de recomendação subscritas por professores, técnicos ou pesquisadores de áreas afins; Formulário preenchido, modelo UFRRJ.

A documentação referente ao pedido de inscrição deverá ser remetida para o seguinte endereço: - Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Km 47 - ZC 26 - CEP 23.800 - Itaguaí /RJ- Tel: 767-3134-R/431.

c) Período de Inscrição:

01 de setembro /78 a 31 de outubro /78 para início em março /79

d) Taxas

ANO LETIVO /78 - Taxa semestral do Curso - Cr\$ 1.000,00 (Um mil cruzeiros)
- Taxa por crédito - Cr\$ 100,00 (Cem cruzeiros)

e) Seleção :

a) Após o período de inscrição a documentação dos candidatos será encaminhada aos Colegiados de Cursos para julgamento;

b) A seleção do Mestrado e Doutorado será feita através de:

1- Avaliação da documentação;

2- Prova e entrevista, quando a coordenação do Curso julgar necessárias, das quais, os candidatos serão avisados.

f) Os pedidos de inscrição serão julgados até 30 de novembro e o resultado será encaminhado para todos os candidatos inscritos.

g) Duração: Os Cursos de Mestrado terão a duração mínima de um ano e máxima de três anos e os de Doutorado a duração mínima de dois anos e máxima de 5 anos, incluindo a defesa de tese.

h) Bolsa de Estudo : A CAPES e CNPq, concedem bolsas de pós-graduação aos seguintes programas da UFRJ: Ciência do Solo; Química Orgânica; Ciência e Tecnologia de Alimentos; Parasitologia Veterinária e Patologia Animal.

§ § §

2. AMOSTRAS PARA EXAMES TOXICOLÓGICOS.

INSTRUÇÕES PARA COLETA, PRESERVAÇÃO E ACONDICIONAMENTO

Os materiais a serem enviados para exames toxicológicos devem ser manuseados com cuidado para evitar que sejam contaminados com substâncias químicas e a putrefação dos órgãos deve ser parada o mais cedo possível através do congelamento dos órgãos.

Todas as amostras devem ser coletadas em vidros separados, perfeitamente limpos e rotulados, contendo as informações sobre espécie animal, órgão ou material enviado, data e nome do proprietário. Preferentemente, cada amostra deverá vir em um vidro separado, a fim de evitar possíveis contaminações. O material deve ser sempre enviado sob refrigeração.

Acompanhando as amostras coletadas deve ir uma ficha com dados clínicos e os dados relativos à necropsia bem como uma indicação dos tóxicos suspeitos de terem produzido o envenenamento e que devem ser pesquisados.

São indicados as seguintes amostras de materiais: sangue, tecidos, conteúdo estomacal e intestinal.

1. SANGUE

Deve ser coletado em tubo de vidro limpo contendo um anticoagulante, o qual, no caso de suspeita de intoxicação por agente fosforado orgânico, deve ser a heparina sódica a 10%. Usar 0,2 ml de heparina a 10% para cada 10ml de sangue a ser coletado.

Se a suspeita de intoxicação for por um agente clorado orgânico é recomendado não se usar anticoagulante. O sangue recém-extraído é deixado coagular espontaneamente e em seguida separa-se o soro em outro vidro limpo, soro este que é enviado ao laboratório. O transporte do material em ambos os casos devem ser feitos sob refrigeração.

2. TECIDOS

Amostras de fígado, rim e pulmão devem ser enviadas. No caso de suspeita de intoxicação por um clorado, o envio de uma porção de tecido é aconselhável para a análise.

As amostras de tecidos devem perfeitamente ser colocadas em vidro de boca larga e cerca de 100 a 200 g de material de cada amostra deve ser enviado. O material deve ser congelado, se possível, e mandado sob refrigeração (o ideal seria a conservação em gelo seco). É aconselhável que cada amostra venha em um vidro perfeitamente rotulado.

3. Conteúdo Estomacal e Intestinal

Devem ser coletados em frascos de vidro de boca larga separadamente e bem fechados. No caso do conteúdo intestinal pode-se amarrar uma porção de uma alça intestinal, cortá-la e colocá-la em recipiente de vidro apropriado. O congelamento é o melhor método de preservação e o transporte deve ser feito sob refrigeração.

Paralelamente ao envio de material para o exame toxicológico é interessante o envio de amostras para exames histopatológicos; estas amostras podem geralmente ser enviadas conservadas em formaldeído (formal a 10%).

Exames que a Seção de Toxicologia realiza:

1- Determinação da atividade da colinesterase no sangue, para verificação de exposição a inseticidas fosforados e carbamatos.

2- Pesquisa de resíduos de inseticidas no sangue e tecidos.

3- Pesquisa de arsênio, metais pesados e cianetos.

(Nota do Instituto Biológico de S. Paulo)

INSTITUTO BIOLÓGICO DE SÃO PAULO

(Seção de Toxicologia e Higiene Comparada)

Av. Conselheiro Rodrigues Alves, nº 1252

C.P. 7119 - Paraíso - São Paulo

§ § §

3. XXI CONGRESSO MUNDIAL DE VETERINÁRIA

Local: Moscou

Período: De 01 Jul 79 a 08 Jul 79

Data da Inscrição: 31 Jan 79 ou 01 Mai 79 (última data de inscrição - com taxa maior)

Reservas e Informações:

AIRTOUR DO BRASIL (Representante da INTOURIST no Brasil).

Praça da República, 76 - 3º andar - São Paulo, SP

Caixa Postal 120-SP

Tels: 259-4009 - 259-4121 - 259-2466.

§ § §

contribuição cultural

" DEUS "

Deus, murmura o vento embravecido
Deus, responde o mar enfurecido
Deus, a estrela diz no azul dos céus,
Deus, brada o mutismo dos rochedos,
E a brisa diz a desnublar segredos:
Em tudo existe Deus !

E Deus faz dos arbustos catecismos,
Penetra, até no fundo dos abismos,
E os abismos relatam-lhe a grandeza.
Deus! é um eco: em tudo soa.
Deus! é um hino que o Universo entoia.
Deus! diz ajoelhada a Natureza.

Deus é como a aurora luminosa:
Mostra-se além da presunção vaidosa,
Da pirrônica escola dos ateus.
Qual relâmpago rútilo, fascinante,
Deus se ostenta visível, radiante,
Na flor, no mar, na terra, e lá nos céus!

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Literato Português

1846 - 1917

" Enquanto na Terra existir o homem, e no
homem o pensamento, e no pensamento a
idéia do infinito, não há que duvidar so-
bre a existência de Deus."

LOUIS PASTEUR

Químico Francês

1822 - 1895

" A impossibilidade em que me vejo de
provar que Deus não existe revela-me a
sua existência."

PASCAL

- Filósofo e cientista francês

1623 - 1662

(Seleções da obra "Deus. As mais belas afirmações
em prosa e verso" - Colecionadas por

J. PANTALEÃO SANTOS

Ed. Vozes Ltda - Petrópolis - RJ - 1963).

convém saber

OS PERIGOS DA BRUCELOSE

MAJ VET THEODORO MARCOS LACAILLE CALDAS

Nosso propósito é alertar nos-
sos companheiros veterinários pa-
ra os perigos da brucelose, doen-
ça que vem se tornando muito fre-
quente no homem. Sendo uma doença
de animais domésticos e destes se
transmitindo ao homem, a brucelo-
se é uma zoonose típica.

Em 1914 predisse o sábio fran-
cês CARLOS NICOLLE que a brucelo-
se seria um dia a mais comum de
todas as enfermidades humanas.

Segundo FAYARD, havia nos EEUU
em 1957, de 4 a 12 milhões de bru-
cêlicos; além disso, 40.000 pesso-
as aproximadamente, a cada ano, se-
riam acometidas do mal.

Em algumas regiões do Brasil, a
incidência de brucelose, no gado
leiteiro, atinge de 40 a 60% dos
rebanhos, não existindo Estado li-
vre da doença.

Em consequência, podemos consi-
derar como contaminada a maior
parte do leite produzido, pois o
que é dado ao consumo é um leite
de conjunto, isto é, uma mistura
de leites provenientes de vacas sãs
e de vacas brucêlicas.

Felizmente a pasteurização per-
feita do leite elimina toda a flo-
ra patogênica, incluindo as bruce-
las. Quanto ao leite cru, há ne-
cessidade de fervê-lo, pois que
dessa forma estaremos consumindo
um produto seguramente isento de
brucelas.

A brucelose, no entanto, não se
transmite apenas pela ingestão de

leite cru contaminado.

Além do leite, os queijos,
principalmente os "tipo frescal", a
manteiga, o creme de leite, as "vi-
taminas" e sorvetes fabricados
com leite não pasteurizado, cons-
tituem os principais vectores
das brucelas.

O homem pode ainda se contami-
nar, manipulando carnes e víscer-
as provenientes de animais doen-
tes, uma vez que as brucelas po-
dem penetrar no organismo atra-
vés da pele íntegra.

A aspiração de poeiras de es-
têbulos, vagões ou caminhões de
transporte de gado, pode transmi-
tir a doença, pois as brucelas
que são eliminadas pelas fezes e
urina dos animais infectados, po-
dem resistir por muito tempo no
solo, permanecendo vivas até mes-
mo após 200 dias.

As brucelas penetrando no or-
ganismo por qualquer das vias ci-
tadas, reproduzem-se e da lise
libera a endotoxina que possui a
ção simpático-mimética que é res-
ponsável pelo aparecimento dos
sintomas clínicos.

As informações e conceitos a-
qui contidos, foram extraídos do
livro "BRUCELOSE" - de autoria
dos Doutores GENÉSIO PACHECO e
MILTON THIAGO DE MELLO.

SINTOMATOLOGIA E ALTERAÇÕES ORGÂNICAS

Uma das particularidades da

patogenia e sintomatologia da brucelose é a universalidade da localização das brucelas, que não poupam tecidos ou órgãos.

Por isso mesmo, são capazes de provocar lesões desde a pele até o sistema nervoso central.

Neste particular, a brucelose se assemelha a certas doenças que apresentam multiplicidade de considerável de sintomas e aspectos clínicos polimorfos, como a sífilis e a tuberculose,

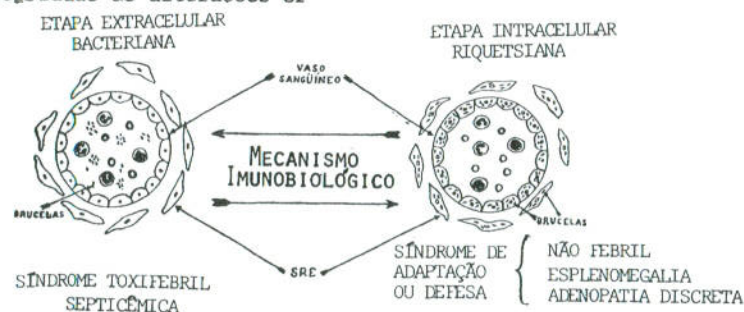
Essas localizações podem ser circunscritas ou isoladas a um tecido ou órgão, a mais de um ou a muitos deles. Daí decorre a diversidade de alterações or-

gânicas e sintomas.

Segundo JULLIEN, uma das características da doença é a sua tendência à cronicidade, constituindo esta forma, 90% dos casos.

A doença pode evoluir durante muitos anos, apresentando exacerbações periódicas; e, o que é muito importante, SEM APRESENTAR NENHUMA CARACTERÍSTICA DE INFECÇÃO, PREDOMINANDO NESTA FASE (CRÔNICA) UMA SINTOMATOLOGIA PREDOMINANTE - MENTE SUBJETIVA.

A freqüência das formas mono-sintomáticas, na fase crônica da brucelose, justifica as citações que serão feitas a seguir.



CICLO BIOLÓGICO DAS BRUCELAS NO ORGANISMO HUMANO; EXPLICA A MANEIRA PELA QUAL A BRUCELOSE SE TORNA CRÔNICA. (URTEAGA B. & COLS)

1. ALTERAÇÕES NO SISTEMA NERVOSO

Conforme salienta VALENTI, as alterações do sistema nervoso são vistas com muita freqüência na brucelose.

EYRE, DURAN DE CONTE e outros, mostraram a predominância dos sintomas nervosos sobre os demais.

Coube a CANTALOUBE o mérito de haver chamado maior atenção

para a freqüência das alterações nervosas na brucelose, com transtornos psíquicos, sensitivos motores e tróficos.

Tantas e tão comuns foram observadas nessa doença, que ROGER criou para designá-las, o termo "NEUROBRUCELOSE", largamente divulgado.

Precoce ou tardias, agudas ou crônicas, latentes ou manifestas, limitadas ou generalizadas, as neurobruceloses aparecem como síndromes cen-

trais ou periféricas, quase sempre acompanhadas de reações meníngeas.

Estas, muitas vezes permanecem insuspeitadas, e não raro, somente por acaso, são reconhecidas.

As alterações neurológicas, importantes pela constância e intensidade, são as cefaléias crônicas uni ou bilaterais, contínuas ou intermitentes, frontais, parietais ou occipitais, acompanhadas ou não de outros sintomas, como náuseas e vômitos; quadro sintomático da enxaqueca brucélica.

São também muito comuns as nevrites localizadas e polinevrites, muito dolorosas, às vezes, apresentando alterações tróficas musculares, especialmente nos nervos: ciático, circunflexo, radial, cubital e cranianos, como no trigêmio, acústico, facial e lingual.

Essas alterações são de evolução longa e intensidade variável, apresentando desde simples disestesias, com sensação de picadas ou formigamentos, até a dor terebrante.

ALTERAÇÕES PSÍQUICAS

Na fase aguda da doença, há confusão mental caracterizada pela apatia, quase torpor, obnubilação intelectual, desorientação no tempo e no espaço, desconhecimento das pessoas, etc.

A brucelose crônica evolui de maneira diferente, na dependência da personalidade do pa-

ciente, podendo observar-se:

- Irritabilidade;
- fobias;
- angústia;
- delírio;
- alterações da personalidade
- dificuldade de expressão;
- desinteresse;
- ansiedade;
- depressão nervosa;
- astenia física e psíquica;
- sonolência intensa e permanentemente ou insônia;
- diminuição da memória;
- algias etc.

Segundo MORONES, os brucélicos apresentam distúrbios da afetividade, passando com facilidade do estado melancólico à irascibilidade, exaltando-se com pequenas contrariedades, o que os leva facilmente ao pranto.

Segundo GRIGGS, os médicos não familiarizados com a brucelose, geralmente diagnosticam o paciente como neurótico, pelas seguintes razões: sintomas múltiplos, aparentemente desconexos, inconsistentes, pouco intensos e de longa duração.

É comum encontrar-se um estado neurastênico durável ou um quadro semelhante à psicose maníaco-depressiva, com idéias melancólicas, escrúpulos religiosos, indiferença afetiva, irritabilidade nervosa, mania de perseguição, solilóquios, idéias delirantes, podendo agravar-se em crises violentas de agitação ou estupor, ou caminhar para o delírio tranqüilo.

Tudo depende da extensão do processo e do terreno neurótico do paciente.

ROGER & POURSIDES catalogaram vários tipos clínicos, segundo a predominância dos sintomas:

- Delírio alucinativo;
- psicose do tipo depressivo;
- formas mioclônicas;
- demência ou esquizofrenia;
- síndrome de KORSKOFF.

A MAIORIA DESSAS ALTERAÇÕES, MUITO COMUNS NA BRUCELOSE CRÔNICA, REGRIDE ATÉ O COMPLETO DESAPARECIMENTO, QUANDO É INSTITUÍDO TRATAMENTO ADEQUADO.

2. ALTERAÇÕES NO APARELHO DIGESTIVO

As alterações mais comuns no aparelho digestivo são as seguintes:

- hiper-acidez gástrica;
- aftas;
- náuseas;
- falta de apetite;
- dores abdominais;
- diarreia mucosa ou sangüinolenta de intensidade variável semelhante à amebíase;
- úlceras duodenais;
- hemorroidas, etc.

3. ALTERAÇÕES NO APARELHO RESPIRATÓRIO

As alterações mais comuns no aparelho respiratório são as seguintes:

- tosse;
- bronquite;
- lesões e sintomas semelhantes ao da tuberculose;
- pneumonia;

- asma brônquica;
- pleurisia;
- cansaço acentuado (falta de fôlego) etc.

4. ALTERAÇÕES NO APARELHO CIRCULATÓRIO

Atinge a todos os componentes tissulares do coração, provocando

- taquicardia;
- bradicardia;
- extra-sístoles;
- fibrilação;
- bloqueios;
- dores anginais, etc.

5. APARELHO URINÁRIO

As alterações mais comuns no aparelho urinário são as seguintes:

- albuminúria pouco intensa;
- hematúria discreta ou abundante, em crises;
- piúria;
- pielites de longa evolução;
- pielonefrites;
- cistites;
- alterações simulando a tuberculose renal.

6. APARELHO LOCOMOTOR

As manifestações da brucelose no aparelho locomotor são da maior importância, sobretudo as articulares ou osteo-articulares.

Seu conhecimento não importa somente pela frequência das localizações, senão também por constituírem, muitas vezes, sintoma predominante e, até único, da brucelose.

São elas tão contraditórias que se pode dizer, raros são os enfermos que não se queixam de dores

ósseas ou articulares no início ou no decurso da doença, em qualquer de suas formas.

As localizações ósseas não são muito frequentes.

- osteíte;
- osteo-periostite;
- osteo-mielite;
- osteoporose.

As localizações articulares (mais frequentes) são as seguintes:

- artrites - (mono e poli-artrites);
- sinovites;
- bursites;
- artrite reumática ou reumatóide;
- artrite sacro-ilíaca;
- espondilites (muito frequente na forma crônica);
- pseudo mal de Pott bruceloso;
- hiperostoses com osteófitos (em forma de bico de papagaio);
- espondiloses.

7. APARELHO GENITAL

As alterações mais comuns que ocorrem no aparelho genital são:

- a) aparelho genital masculino
 - prostatite;
 - orqui-epididimite;
 - oligo-espermia ou azoospermia;
 - diminuição da potência;
 - alterações na ejaculação, etc.
- b) aparelho genital feminino
 - anexites;
 - leucorréias;

- salpingites;
- amenorréia;
- frigidez sexual;
- aborto, etc.

8. ALTERAÇÕES NOS OLHOS

O exame da literatura sobre o assunto permitiu a CREMONA classificar as manifestações oculares da brucelose da seguinte forma, de acordo com os segmentos atingidos:

- a. Conjuntiva
 - a) conjuntivite;
 - b) hiperemia;
 - c) petéquias;
 - d) hemorragias;
 - e) flictenas;
 - f) alergia.
- b. Esclerótica
Epi-esclerite
- c. Córnea
 - a) Vasos anormalmente visíveis;
 - b) edema;
 - c) queratite marginal ulcerosa;
 - d) queratite numular;
 - e) queratite recidivante tardia;
 - f) queratite estriada;
 - g) úlcera crônica do tipo herpético.
- d. Câmara anterior
hemorragias.
- e. Íris
 - a) irite serosa;
 - b) irite recorrente;
 - c) irido-ciclite;
 - d) coroidite serosa;
 - e) coroidite com corpos fluentes;
 - f) uveíte recidivante;

- g) endoftalmia.
- f. Cristalino
Catarata complicada por uveíte.
- g. Vítreo
Hemorragias.
- h. Retina
a) edema;
b) retinopatia hemorrágica;
c) retino-coroidite central;
d) tortuosidade e dilatação venosa;
e) periflebite;
f) descoramento cinza, da mácula, com halo esbranquiçado periférico;
- i. Nervo Óptico
a) edema da papila;
b) nevríte com atrofia;
c) nevríte retro-bulbar;
d) nevríte bilateral;
e) atrofia.
9. ALTERAÇÕES NA PELE E ANEXOS
- São muito comuns as alterações cutâneas na brucelose. Segundo DESMONTS, elas ocupam, muitas vezes, o primeiro plano na sintomatologia da doença.
- NARRIS classificou-as em 11 grupos:
- I - Lesões eczematosas;
II - máculas róseas ou rubras, dispersas, pruriginosas, lembrando a escabiose;
III - erupções máculo-papulosa, arrançadas em grupos ou dispersas sem ordem e localização, de cor vermelho-alaranjada, às vezes com centro ve-

siculoso, apresentando picadas de insetos;

- IV - exantema erisipelotóide, como manchas contínuas, flácidas à palpação, acompanhadas de sintomas gerais, principalmente elevação térmica;
- V - manchas erisipelotóides múltiplas, juntamente a nódulos hipodérmicos cianóticos, sem brilho, análogas ao eritema nodoso;
- VI - "rash" eritematoso difuso, cobrindo vastas áreas de todo o corpo, inclusive as mucosas, acompanhado de sintomas gerais, febre alta, adinamia etc, lembrando a escarlatina;
- VII - lesões escamosas, vermelho-castanhas, pruriginosas, localizadas nos braços e punhos, apresentando a psoríase;
- VIII - pequenas lesões ulcerosas ou úlcero-crostosas, localizadas nos membros, parecendo impetigo;
- IX - manchas róseas, circinadas, escamosas, lembrando a pitíriase rósea;
- X - dermatite por contato, máculosa, máculo-papulosa, ou pustulosa;
- XI - dermatite ulcerativa.

10. ALTERAÇÕES NO SANGUE

O organismo reage à invasão bacteriana com hiperplasia do SRE, com o aparecimento de focos circunscritos, constituindo os granulomas descritos por FABYAN,

em 1912.

Verifica-se com frequência anemia hipocrômica, bem como as seguintes alterações nas frações protéicas do soro: diminuição da albumina e alfa-1-globulina; aumento acentuado da gama-globulina.

Na fase crônica, geralmente há leucopenia com eosinofilia; neutropenia, chegando até à agranulocitose relativa ou absoluta e monocitose.

As plaquetas diminuem, provocando hemorragias de localização e intensidade variáveis, citando-se as epistaxes, gengivorragias, hemoptises, etc.

DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

Com referência ao diagnóstico e tratamento da Brucelose, transcrevo pequeno trecho de uma monografia de autoria do professor GENÉSIO PACHECO DA VEIGA, conceituado especialista, que de longa data vem se dedicando ao tratamento da Brucelose em sua clínica particular no Rio de Janeiro:

"Diagnóstico: a suspeita clínica é confirmada pela hemocultura, soro-aglutinação e intradermo-reação. Apesar de pouco utilizada a intradermo é uma reação específica, indicada principalmente no diagnóstico da fase crônica.

Terapêutica: são usados antibióticos na fase aguda, quando as brucelas estão livres; porém, no período crônico, só a vacinoterapia é eficiente, porque os antibióticos não penetram nas células.

Iniciamos com aplicações intradérmicas: dessensibilizantes que

não deverão provocar reações sistêmicas. O tratamento prosseguirá com aplicações subcutâneas de até 1 ml que será repetido durante muito tempo, mesmo que o paciente não apresente mais nenhum sintoma.

A terapêutica é demorada, as melhoras surgem lentamente, sujeitas a recaídas que vão se acentuando. Se houver reação geral intensa (à vacina), o uso de qualquer medicamento poderá ser utilizado sem contra-indicação. O paciente deve evitar excessos, para que o organismo possa reagir à infecção. Não há necessidade de regime alimentar ou supressão de alimentos, a não ser que o organismo do doente o exija. Os tóxicos como fumo, álcool, etc, devem ser evitados, pois seu uso geralmente exacerba os sintomas."

+ + +

BIOGRAFIAS (Resumidas)

O Dr GENÉSIO PACHECO (já falecido), foi chefe da Seção de Bacteriologia do Inst Oswaldo Cruz, e Membro do "Comitê de Peritos" em Brucelose, da OMS.

O Dr MILTON THIAGO DE MELLO, Veterinário do Exército, formado em 1937 pela EsVE, exerceu, entre outras, as atividades: Assistente voluntário da Seção de Bacteriologia do Inst Oswaldo Prof do CMRJ, Livre Docente da UFRRJ, Membro do Comitê misto da OMS/FAO de Peritos em Brucelose, Perito da FAO p/Ens Med Vét, Decano da UnB atualmente, Prof Microbiologia e Resp Lab Primatologia.

o D.O. publicou

Nº 120, de 27 de Jun 78

- Portaria nº 871, de 21 de Jun 78, do DASP- Aprova as especificações de classe do Grupo Saúde Pública, criado pelo Decreto nº 79.456, de 30 Mar 77.
- Portaria nº 495, de 19 Jun 78, Min Agricultura - Aprova o Regimento Interno de Comissão Central de Coordenação - CCC.
- Portaria nº 497, de 20 Jun 78, Min Agricultura - Prorroga, para atendimento da safra 1978/79, nas Regiões Norte e Nordeste, a vigência da Portaria nº 493, de 06 Ago 76, que aprovou especificações para a padronização, classificação e comercialização interna da farinha de mandioca.

Nº 121, de 28 Jun 78

- Portaria nº 241, de 10 Mar 78, Min Agricultura- Aprova o Regimento Interno da Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária - SNAD.
- Resolução nº 14/78, da CNNPA, do Min Saúde- Estabelece o padrão de identidade e qualidade para FARINHA DESENGORDURADA DE SOJA, PROTEÍNA TEXTURIZADA DE SOJA, PROTEÍNA CONCENTRADA DE SOJA, PROTEÍNA ISOLADA DE SOJA E EXTRATO DE SOJA.
- Resolução nº 15/78, da CNNPA, do Min Saúde - Estabelece o padrão de identidade e qualidade para a PROTEÍNA HIDROLISADA VEGETAL.
- Resolução nº 16/78, da CNNPA, do Min Saúde- Conceitua os produtos perecíveis e recomenda procedimento adequado de conservação.

Nº 125, de 4 Jul 78

- Portaria nº 543, de 27 Jun 78, Min Agricultura - "..... medidas emergenciais necessárias à erradicação da Peste Suína Africana".

Nº 126, de 5 Jul 78

- Portaria nº 545, de 28 Jun 78, Min Agricultura - Aprova as Normas de Funcionamento da Comissão de Defensivos Agrícolas, constituída pela Portaria Ministerial nº 610, de 29 Ago 77.

Nº 129, de 10 Jul 78

- Instrução de Serviço nº E/200 001, de 04 Jul 78, da SNDA-CCCEPSA- Aprova as NOR-

MAS TÉCNICAS - para implantação imediata no país, com vistas à disciplinação' do trânsito de animais, carnes, produtos e subprodutos derivados, em face a OCORRÊNCIA DA PESTE SUÍNA AFRICANA, seus focos diagnosticados e considerando' as áreas comprometidas, bem como os trabalhos que se encontram em desenvolvimento.

Nº 139, de 24 Jul 78

- Resolução nº 12/78, da CNNPA, do Min Saúde - Aprova NORMAS TÉCNICAS ESPECIAIS, do Estado de São Paulo, relativas a alimentos (e bebidas): À medida que a CNNPA' for fixando os padrões de identidade e qualidade para os alimentos (e bebidas) constantes desta Resolução, estas prevalecerão sobre as NORMAS TÉCNICAS ora a dotadas.

Nº 140, de 25 Jul 78

- Resolução nº 13/78, da CNNPA, do Min Saúde - Aprova a revisão dos PADRÕES MICRO - BIOLÓGICOS, estabelecidos pela Resolução nº 34/77.

Nº 141, de 26 Jul 78

- Edital nº 29/78 , DASP - Presidência da República - Concurso Público nº 07/78-Inscrições para o concurso destinado ao provimento de empregos, regidos pela legislação trabalhista, na Categoria Funcional de Sanitarista, LT-SP-1701.

Nº 143, de 28 Jul 78

- Instrução de Serviço nº E/200 002, de 20 Jul 78, da Secretaria Nacional de Defesa Agropecuária, do Min Agricultura - Aprova as NORMAS PARA TRANSPORTE DE SUÍNOS' POR " ROTAS CONTROLADAS " DOS ESTADOS DE SANTA CATARINA E PARANÁ PARA EFEITO DE ABATE EM SÃO PAULO COM UTILIZAÇÃO PARA ABASTECIMENTO....., em face da OCORRÊNCIA DE PESTE SUÍNA AFRICANA,....

Nº 145, de 01 Ago 78

- Portaria nº 115, de 25 Jul 78, da SNAD, do Min Agricultura - Identifica como "PROTEÍNA TEXTURIZADA DE SOJA"... (emprego em produtos cárneos).

Nº 147, de 03 Ago 78

- Portaria nº 126, de 02 Ago 78, da SNAD, do Min Agricultura - Aprova as " INSTRUÇÕES COMPLEMENTARES, REFERENTES À PRODUÇÃO E CONTROLE DE VACINAS CONTRA A PESTE SUÍNA CLÁSSICA".

Nº 155, de 15 Ago 78

- Decreto nº 82110, de 14 Ago 78 - Regulamenta a Lei nº 6.305, de 15 Dez 75, que institui a classificação de produtos vegetais, subprodutos e resíduos de valor econômico, e dá outras providências.

Nº 175, de 13 Set 78

- Portaria nº 12, de 5 Jun 78, da CCCC- Min Agricultura- Aprova alterações e dá no va redação ao Regulamento das Comemorações Centrais da Semana do Cavallo.

§ § §

em destaque

PROCEDIMENTOS LABORATORIAIS - RECOMENDAÇÕES, CUIDADOS, CONSELHOS E LEMBRETES AOS LABORATORISTAS E AUXILIARES DOS LIAB.

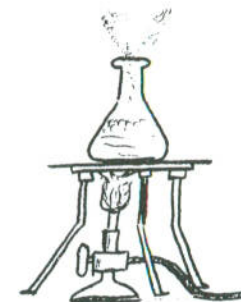
MAJ VET AMAURY LOPES FAVILLA

"A ciência é um suntuoso salão onde só entra quem tiver passado por uma comprida e incômoda cozinha".

1. O laboratório é uma CASA DE CIÊNCIA. CLAUDE BERNARD
2. Três regras para um laboratório funcional:
 - a. Limpeza máxima em tudo;
 - b. Método na disposição dos objetos;
 - c. Documentação dos trabalhos executados ou a executar.
3. Três recomendações:
 - a. Atenção;
 - b. Atenção;
 - c. Atenção.
4. Três conselhos:
 - a. Higiene;
 - b. Mais higiene;
 - c. Absoluta higiene,
5. Tenha como norma, sempre que possível, a observação ao microscópio.
6. Sempre numere a amostra e a "folha de rascunho de laudo" correspondente, a note nesta os dados de pesadas, medidas e cálculos de cada prova, nunca u se "pedaços de papel" para anotações.



8. Os frascos de vidro "Pirex", somente deverão ser aquecidos com algum líquido dentro e, preferivelmente, protegidos por tela de amianto, quer seja por aquecimento direto ao bico de Bunsen ou em aquecedores elétricos ou à gás, dotados de chapa metálica (Ex: aparelho aquecedor para Soxhlet). Nunca aquecer frasco volumétrico, de precisão.



9. Nunca se deve esfriar um frasco de vidro mesmo os de vidro "Pirex" na água fria após ele ter sido muito aquecido. Deixe-o esfriar por alguns minutos, preferentemente sobre o balcão protegido com papel de filtro.

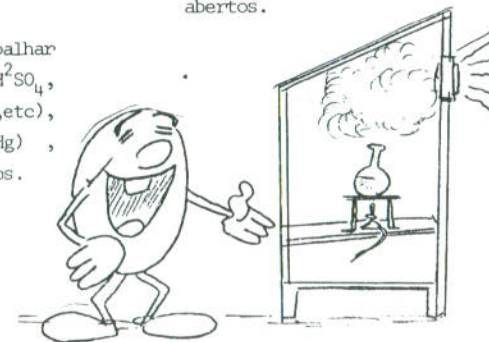


SIM



10. Observar, sempre, antes de acender palitos de fósforo ou bico de gás tipo Bunsen, se existem frascos contendo líquidos inflamáveis e/ou explosivos próximo à chama. E, nunca deixar, após o uso, vidros com reagentes, abertos.

11. Sempre usar a capela quando trabalhar com gases venenosos: Cl_2 , Br_2 , HCl , H_2SO_4 , HCN , H_2NO_3 , vapores nitrosos (NO_2 , etc), H_3P , H_3AS , vapores de mercúrio (Hg), sulfeto de carbono (CS_2) e outros.



"São vãs, pejudas de erros, as ciências que não se fundamentam na experiência e nem culminam numa comprovação indiscutível".

LEONARDO DA VINCI.

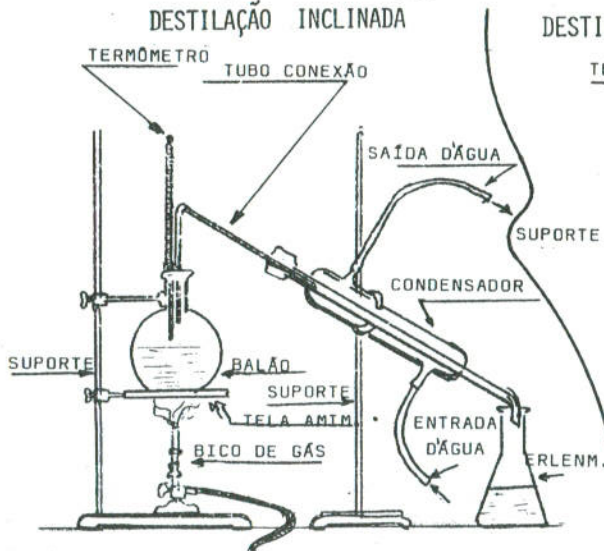


12. Quando for usado um balão volumétrico ou outro frasco volumétrico para medir ou preparar soluções exatas, deverá ser colocado o líquido ou solução desejada até quase a marca (traço); após, colocá-lo em banho a determinada temperatura (a temperatura gravada no balão: ex: 500ml; 20°C) por 30' pelo menos e somente após completar o volume com pipeta.

13. Na destilação usar o condensador indicado para a destilação inclinada ou os tipos indicados a destilação vertical; nunca usá-los de maneira diferente. Do mesmo modo os tubos de conexão; este tubo de conexão nunca deverá ficar mergulhado no líquido a ser destilado.

Não esquecer, no início da operação, de fazer circular a água antes de acender o bico de gás e também de apagá-lo antes de desligar a água.

DESTILAÇÃO INCLINADA

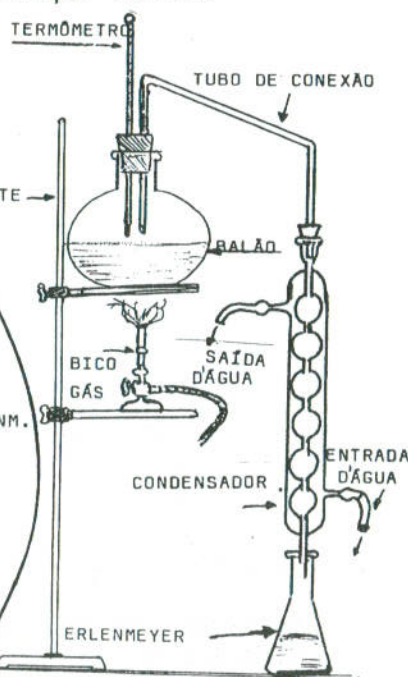


Obs: Usar bico de gás "tipo Bunsen" apenas para destilar líquidos não inflamáveis.

Para substâncias inflamáveis e solventes usar Banho-Maria ou placa elétrica de aquecimento, com termostato e na temperatura de seu ponto de ebulição, ou conforme técnicas especiais.

Sempre, usar no interior do Banho-Maria, água destilada.

DESTILAÇÃO VERTICAL



14. Sempre que estiver em presença de substâncias desconhecidas, ensaiá-las apenas em pequeníssimas porções para evitar possíveis acidentes.

15. Sempre que juntar corpos que reajam entre si, fazê-lo muito lentamente, preferentemente pelas paredes do frasco e distanciando-o do rosto. (Ex: colocar ácido sobre a água, lentamente, nunca ao contrário).

1. Prevenir-se contra possível acidente.
2. Assegurar-se se antes da operação necessita de resfriamento ou aquecimento uniforme.
3. Evitar possibilidades de projeções de líquidos ou sólidos corrosivos nos olhos usando óculos protetores e, conforme o caso, luvas de borracha.
4. Se necessário segurar o frasco, fazê-lo com auxílio de um pano.

16. Nunca cheirar, despreocupadamente, qualquer frasco ou substância: pode não possuir propriedades cáusticas e mesmo sem determinado cheiro acentuado possuir gases venenosos, conseqüentemente causando envenenamentos, muitas vezes, perigosos.



17. Usando pipetas normais nunca aspirar com a boca líquidos voláteis, corrosivos ou venenosos; usar aspiração através de borracha ou, em determinados casos, pipeta de bola (com proteção de algodão). Atenção especial para reagentes em pequenas quantidades: a pipeta deverá ter capacidade menor que a quantidade de reagente existente. Em pipeta de escoamento total nunca soprá-la; a última gota é retirada encostando sua ponta à parede do frasco que recebe o líquido.

Nunca devolver ao frasco original a solução contida na bureta e não utilizada.

COMPANHEIRO:- Vários tópicos, ainda, poderiam ser abordados, tais como: "Extintores de Incêndio"; "Chuveiros"; "Antídotos, que deverão estar sempre à mão" e outros. Porém, na falta de espaço, sirvam estas páginas, pelo menos, como suplemento aos conhecimentos básicos, já adquiridos, sobre o assunto. Cabe a V. complementá-las com sua experiência pessoal e discernimento técnico.

"ALSOGO" - UM SENHOR ARTISTA CEL VET QEMA CLEO CARNEIRO BAETA NEVES

Com alguma antecedência, a equipe desta Diretoria designada para organizar o programa das solenidades comemorativas de mais um aniversário de nosso Patrono, levado a efeito em 16/17 Jun passado, entrou em ação com o maior entusiasmo.

Era necessário que fugisse à apresentação rotineira e procurasse melhorar ainda mais aquilo que a DV teve oportunidade de exibir nos anos anteriores.

Sem dúvida, a festa de MUNIZ DE ARAGÃO de 1977 em Brasília, fruto de carinhosa elaboração, havia sido motivo das maiores referências. A responsabilidade sobre os ombros dos componentes do GT/78 era muito grande ! Deveriam, ao menos, manter o "padrão de qualidade" já alcançado...

Reunidos em diversas ocasiões, dezenas de idéias e sugestões surgiram e foram exaustivamente debatidas e confrontadas com os recursos de que iriam dispor.

Finalmente, chegaram a uma programação que, submetida ao Sr General Diretor, foi autorizada sua execução.

Deliberaram, entre outras coisas, que a exposição de material, com equipamentos, "posters", painéis etc, deveria contar com algo que expressasse aos caros visitantes e convidados, no Dia "D", e em largos traços, a "Evolução da Veterinária através os tempos".

Esboçada a idéia no papel, surgiu o problema crucial: QUEM iria materializá-la, dentro do exíguo prazo de três semanas, nas dimensões ideais, com os limitados recursos financeiros disponíveis e com Arte ?

Um "estalo" ocorreu ! A "prata" estava sob seus pés ou melhor, no 1º piso do Bloco "G" deste QG, na Diretoria de Subsistência e na pessoa do GOMES, ou do Maj Int ALDAIR SOARES GOMES (ALSOGO), responsável por tudo que se vê em termos de cartazes, charges, gráficos etc, naquela Diretoria.



Antigo Oficial Tesoureiro- Almojarife- Aprovisionador da então Escola de Veterinária do Exército, por mais de 6(seis) anos e ligado por laços afetivos aos "filhos espirituais" do Patrono, no dia zer de seu descendente ilustre, Dr RAYMUNDO MONIZ DE ARAGÃO, lançaram-se escada-a-baixo em busca do artista, conscientes das dificuldades que existiriam.

ALSOGO entusiasmou-se com a idéia básica e "sentiu" logo a visão do conjunto. Mas, responsável e íntegro, homem de profunda formação religiosa, escrupulosamente preocupou-se com as implicações de tempo escasso e condições de execução. Finalmente decidiu-se a levar a bom termo a missão.

Naquela mesma noite, já em sua casa, com os companheiros do GT/78 sobra -

gando enciclopédias, compêndios históricos, álbuns etc, desencadeou-se uma pesquisa aprofundada na escolha de figuras, vestuários, armamentos, instrumentos primitivos, ambientes, etc, decidindo cores, posições e detalhes complementares. Altas horas da noite, esboçada a idéia, do papel ALSOGO transpôs para um grande cartão os contornos iniciais do que viria a se tornar, dias após, numa enorme tela.

Dos imprecisos primeiros movimentos do lápis sobre o pano esticado, seguiram-se pinceladas dos aspectos de fundo e o óleo foi tomando forma, agradando a todos.

No dia anterior à abertura da Exposição, ainda fresca, a pintura recebeu montagem em bela moldura, enriquecendo-se como obra-prima.

16 Jun 78 - 0945 horas: encerrada a solenidade cívico-militar na pérgola em frente ao QGEX, as autoridades, convidados civis, militares e seus familiares seguiram para o Salão-Nobre do Hotel de Trânsito de Oficiais de Brasília, onde os esperava um áudio-visual, montado com esmero pelo Maj AMAURY, homenageando Armas e Serviços, "dando o recado" no fecho, sobre as atividades passadas e atuais da Veterinária Militar. Acesas as luzes, a inauguração da Mostra foi antecedida pelo convite do Gen ADALBERTO ao Gen Ex ANTÔNIO BANDEIRA, Chefe do Departamento- Geral de Serviços, para descerrar a cortina sobre o painel da "Evolução da Veterinária através os tempos".



Achava-se à vista, pela primeira vez, aos olhos de todos o trabalho magnífico de ALSOGO, fruto de suas horas de repouso noturno e fins-de-semana inteiramente dedicados à sua consecução.

A autenticidade da mensagem ali estava, com toda a beleza do seu colorido que, em largas passadas no tempo da civilização unia, a primeira concepção do "Homo" primitivo ao riscar e colorir os con-

tornos de animais que ele iria domesticar, gravados em pintura rupestre até nossos dias, à Medicina Veterinária do presente e do porvir, calcada na tecnologia eletrônica, nuclear e espacial, tudo em proveito da sobrevivência e da constante melhoria da qualidade da vida humana sobre este controverso planeta.

ALSOGO: o sincero preito de gratidão, respeito e admiração, pelo que representas como amigo e artista consagrado.

* * *

publicação de interesse

ISOLAMENTO DE TOXOPLASMA GONDII EM SUÍNOS

O presente trabalho, transcrito do Vol 29, nº 1, Ano 77, dos Arquivos da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, destina-se especialmente a nossos companheiros que servem em OM distantes dos centros urbanos de pesquisas.

A toxoplasmose é uma doença cosmopolita que acomete várias espécies de animais domésticos e silvestres, inclusive a humana.

O agente causal - T.gondii - comum em suínos, geralmente atua de maneira discreta ou com sintomas brandos.

Todavia, surtos da doença ocorridos em leitões têm sido citados, causando alta mortalidade.

O isolamento do Toxoplasma gondii a partir de suínos tem sido obtido em várias regiões e os animais com infecções assintomáticas, representam a mais importante fonte de infecção para o homem.

No trabalho em tela, os pesquisadores daquela Escola se propõem a avaliar as possibilidades do isolamento do T.gondii de suínos destinados ao consumo na cidade de Belo Horizonte, procurando determinar se o isolamento do parasito seria mais fácil a partir do cérebro ou do diafragma.

MATERIAL E MÉTODOS

Ao acaso, foram coletadas 159 amostras de diafragmas e 98 cérebros de suínos originários do Estado. De cada animal, colheu-se sangue para exames sorológicos.

As amostras pesavam 30g em média, sendo as de diafragmas, livres de gordura e fâscias e as de cérebro, constituídas de várias partes do sistema nervoso central.

As amostras de diafragma foram submetidas à digestão péptica (técnica de JACOBS & MELTON - 1957), enquanto as de cérebro, eram trituradas em gral esterilizado com salina.

De cada amostra (às quais juntou-se 1 mg de dihidro-estreptomicina e 1000 UI de penicilina G potássica por ml de suspensão), inoculou-se 2 ml da suspensão em grupos de 2 camundongos, via intraperitoneal, sendo 1 ml logo após a preparação e 1 ml no dia seguinte.

Para cada lote de amostras inoculadas, utilizou-se um grupo de 5 camundongos como controle. Toda amostra de diafragma era examinada a fresco e por meio de esfregaços feitos após a digestão péptica e corados pelo Giemsa.

Os camundongos inoculados eram observados diariamente e dos que morriam, a partir do 3º dia de inoculação, coletava-se o exsudato peritoneal que, após exame a fresco, era inoculado em grupos de 2 animais.

Dos que sobreviviam 4 semanas após à inoculação colhia-se o sangue

que para exame sorológico pela reação de SABIN-FELDMAN (RSF) ou de imunofluorescência indireta (RIFI).

Dos camundongos com reações sorológicas positivas retirava-se os cérebros, que eram examinados a fresco, em esfregaços (corados pelo Giemsa) e inoculados, por via intraperitoneal, em grupos de 2 camundongos.

As amostras isoladas eram mantidas por passagens seriadas em camundongos, através da inoculação de exsudato peritoneal.

RESULTADOS

Amostras de diafragmas examinadas - Através de exames a fresco ou em esfregaços corados pelo Giemsa, em nenhuma amostra diafragmática, foi demonstrada a presença de T.gondii. Porém, em 30% das amostras foi verificada a presença de Sarcocystis sp.

Dos 159 grupos de camundongos inoculados com amostras de diafragma 2 foram positivos à RSF (1:16) e 6 foram positivos à RIFI (3 grupos 1:16, 2 grupos 1:64 e 1 grupo 1:1024). Os camundongos positivos à RSF não foram sacrificados para o exame direto e/ou tentativa de isolamento do T.gondii.

Nos camundongos positivos à RIFI foi demonstrada a presença de cistos de T.gondii no cérebro de camundongos de um grupo que apresentou o título de 1:64 e do qual foi isolada uma amostra do parasita (QUADRO A)

QUADRO A

ISOLAMENTO DE T. gondii A PARTIR DE INOCULAÇÃO EM CAMUNDONGOS DE 159 DIAFRAGMAS E 98 CÉREBROS DE SUÍNOS DE MATADOUROS EM BELO HORIZONTE

1975

RIFI TÍTULO	DIAFRAGMA		CÉREBRO	
	Reagentes	Isolamento	Reagentes	Isolamento
1:16	5 (*)	0	2	0
1:64	2	1	4	4
1:256	-	-	1 (**)	0
1:1024	1 (**)	0	-	-
TOTAL	8	1	7	4

(*) Não foi tentado isolamento.

(**) Dois desses grupos foram examinados através da RSF e não foi tentado isolamento.

Assim, entre as 159 amostras de diafragmas inoculados 8 foram positivas à sorologia para a toxoplasmose, sejam, 5%, tendo sido isolada uma amostra de T. gondii.

Dos 98 grupos de camundongos inoculados com amostras de cérebro 7

foram positivos, sejam, 7,1% em RIFI (2 grupos 1:16, 4 grupos 1:64 e 1 grupo 1:256). Em 4 desses grupos positivos (1:64) foi demonstrada a presença de cistos do T.gondii no cérebro de camundongos inoculados e foram isoladas 4 amostras do parasita (Vide Quadro A).

Com a finalidade de se determinar de que órgão seria mais fácil isolar o parasita, amostras de diafragma e de cérebro de 90 suínos tiveram seus resultados comparados (Vide Quadro D). As amostras de cérebro apresentaram maior percentagem de isolamento (4,4%) do que as de

Q U A D R O B

ISOLAMENTO DE T.gondii ATRAVÉS DE INOCULAÇÃO DE CAMUNDONGOS DE 90 AMOSTRAS DE CÉREBRO E DE DIAFRAGMA DE SUÍNOS ABATIDOS EM MATADOUROS DE BELO HORIZONTE - 1 975

C É R E B R O	D I A F R A G M A		
	Positivo	Negativo	Total
Positivo	1	3	4
Negativo	0	86	86
T o t a l	1	89	90

diafragma (1,1%). Nenhum dos camundongos dos grupos-controle apresentaram reação sorológica positiva ou cistos de T.gondii no cérebro.

O nº de passagens requerido para o isolamento do T.gondii variou de 2 a 6 e de 20 dias para matar os camundongos.

Os títulos obtidos à RIFI nos soros dos suínos dos quais foram isoladas as amostras variaram de 1:16 a 1:256.

D I S C U S S Ã O

A doença é estudada através da demonstração do T.gondii ou de anticorpos no soro sanguíneo. O parasita pode ser isolado de animais a partir da inoculação em camundongos, de órgãos submetidos ou não à digestão péptica ou de líquidos orgânicos, como também ser demonstrado através do exame direto feito em esfregaços de tecidos, ingeridos ou não, corados pela suspensão de Giemsa ou pela imunofluorescência direta ou através de exames histopatológicos.

O exame direto realizado com amostras de diafragma foi negativo, porém positivo para Sarcocystis.sp em 30% das amostras.

A percentagem de 0,6% de amostra de T.gondii isolada de diafragma dos 159 suínos, é relativamente menor do que a obtida por outros autores foi devida a fatores diversos como a quantidade de amostras, a sorologia dos suínos e sua procedência, prevalência da doença na área em determinada espécie, etc. JACOBS & MELTON (1957) e WORK (1967) utilizaram, respectivamente, em média 91g e 100g de diafragma, quantidades superiores às deste experimento (30g), justificando, em parte,

as maiores taxas de isolamento (16 e 34%) que obtiveram. Contudo, ISHII & Cols (1962) empregaram 10g do mesmo material e isolaram o T.gondii de 32% dos suínos estudados. Tais resultados são devido às diferenças de prevalência da toxoplasmose na área levantada, pois, como observaram FELDMAN & MILLER (1956), para várias espécies de animais, ela varia de acordo com a região.

Deve ser considerado que além da amostra isolada 7 outras amostras de diafragma induziram formação de anticorpos nos grupos de camundongos inoculados e se se considerar que CATAR/Cols (1969) encontraram cistos de T.gondii em cérebros de camundongos com títulos baixos (1:2 à RIFI), é perfeitamente aceitável considerar as amostras de diafragmas inoculadas nos grupos de camundongos com sorologia positiva como positivos para T.gondii. A partir desse raciocínio, deve ser considerado que 8 diafragmas estavam parasitados e o percentual de positivos seria de 5% e não 0,6% e, desta forma, se assemelharia aos obtidos por FERNANDES & BARBOSA (1972), que encontraram 5% de diafragmas positivos para T.gondii.

Amostras de carne de suínos destinados ao consumo humano e que foram utilizadas por alguns autores, forneceram taxas de isolamento maiores que as obtidas aqui com diafragma, pois MAITANI & YOKAYAMA (1966) e JAMRA & Cols. (1969) obtiveram, respectivamente, 12,9% e 6,8% de isolamento do parasita. Como tais resultados foram obtidos em regiões diferentes, é possível que as diferenças não sejam devidas exclusivamente ao material utilizado mas, também, à prevalência de doença na área de procedência dos animais.

Outro fator que provavelmente tenha grande influência na taxa de isolamento foi a percentagem de suínos reagentes para a toxoplasmose, levando-se em consideração que as possibilidades de isolamento são maiores em animais com sorologia positiva pois, segundo alguns autores (WORK, 1967; CATAR & Cols., 1969), à medida que aumenta o título nos suínos, aumenta a possibilidade de isolamento do T.gondii.

Se se considerasse somente os 28 suínos sorologicamente positivos, o percentual de diafragmas parasitados seria de 28,5% e não de 5% e seria semelhante ou, às vezes, bem maiores do que os resultados obtidos por outros autores (WORK, 1967; LALLA & Cols., 1967 e WEISSTANNER, 1969).

O percentual (4,1%) de isolamento de T.gondii a partir de amostras de cérebro de suínos foi maior que as taxas obtidas por EYLES & Cols (1959) e menor que as taxas obtidas por WENDE & DIENST (1961) e CATAR & Cols. (1969) que obtiveram respectivamente, 35% e 43,3%. Esta discordância de dados provavelmente possa ser atribuída a vários fatores como a quantidade de cérebro utilizada e o percentual de animais doadores reagentes à toxoplasmose. Embora EYLES & Cols. (1959) tenham

trabalhado com amostras provenientes de suínos com 83% de reagentes e les não citam a qualidade de cérebro utilizada. CATAR & Cols. (1969) colheram amostras de suínos com 47,6% de reagentes e utilizaram todo o cérebro o que, certamente, foi a causa de maior percentagem de isolamento obtida. No entanto, MENDE & Cols. (1961) utilizaram 30g de cérebro, quantidade igual à utilizada no presente trabalho e obtiveram maior percentagem de isolamento, mas em amostras colhidas de um rebanho com 68% de animais reagentes, enquanto que nesse experimento, somente 29,9% de suínos eram positivos e, dessa forma, a chance de isolamento foi menor.

A comparação de 90 amostras de cérebro e 90 de diafragmas colhidos dos mesmos animais mostraram que a taxa de isolamento foi maior em cérebro (4,4%) do que em diafragma (1,1%). Essa diferença foi também observada por CATAR & Cols. (1969) quando compararam 30 amostras de cérebro e diafragma e isolaram 43% de amostras de T.gondii. Esses autores acreditam que os cistos do parasita estão em maior número no cérebro e persistem por maior tempo nesse órgão do que no diafragma. Entretanto, EYLES & Cols. (1959) concluíram que a baixa percentagem de isolamento por eles obtida em cérebro de suínos seria devido a maior persistência do parasita no diafragma.

Todas as amostras isoladas mostraram-se virulentas para camundongos, matando-os entre 10 e 20 dias após a primeira passagem, fato esse também observado por JACOBS & Cols. (1960); ISHII & Cols. (1962) e AMARAL & MACRUZ (1969). Estes últimos autores observaram que somente 1 de 7 amostras por eles isoladas, o foi na primeira passagem, enquanto que as restantes necessitaram de 3 a 7 passagens para matar os camundongos.

R E S U M O

O isolamento de T. gondii foi feito a partir de 159 amostras de diafragmas e 98 de cérebros de suínos. Do total de diafragmas inoculados em lotes de 2 camundongos, 8 foram positivos e os camundongos apresentaram a reação de SABIN-FELDMAN (RSF) ou reação de Imunofluorescência Indireta (RIFI), títulos entre 1:16 a 1:1024, sendo que uma amostra do parasita foi isolada. Dos 98 cérebros, inoculados em lotes de 2 camundongos, 7 foram positivos e, à RIFI os camundongos apresentaram títulos de 1:16 a 1:256, sendo que 4 amostras de T. gondii foram isoladas. As amostras isoladas mostraram-se patogênicas para camundongos. A presença de *Sarcocystis* sp. foi observada em 30% dos diafragmas estudados.

COMP. TEN CEL VET HUDSON SILVA

* * *